

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

FABIANO TEIXEIRA DA MOTA

A FILOSOFIA EXISTENCIAL DE KIERKEGAARD

Goiânia
2022

FABIANO TEIXEIRA DA MOTA

A FILOSOFIA EXISTENCIAL DE KIERKEGAARD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eliana Borges Fleury Curado

Goiânia
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data: 28 de junho de 2022.

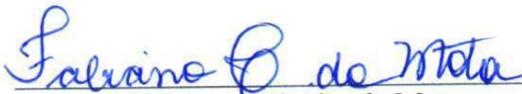
Horário: 08h

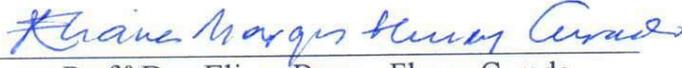
Local: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG.

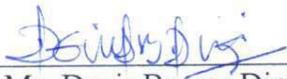
Acadêmico: Fabiano Teixeira da Mota

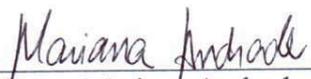
Trabalho de Conclusão do Curso: "A FILOSOFIA EXISTENCIAL DE KIERKEGAARD"

Nota: 9.5


Fabiano Teixeira da Mota
Acadêmico


Prof.^a Dra. Eliana Borges Fleury Curado
Orientadora


Prof. Me. Denis Borges Diniz
Leitor I


Prof. Me. Mariana Andrade Santos
Leitora II


Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho
Coordenador do Curso de Filosofia
Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás

José Reinaldo Felipe Martins Filho
Coordenador de Filosofia
IFITEG
CNPJ: 02.890.432/0002-21

Dedico este trabalho aos meus familiares, Jovelino e Maria da Paz, Jovelino Júnior,
Ana Flávia e Heloísa;
Ao povo de Deus da Diocese de Goiás; ao Padre Mauro Francisco dos Santos; aos
bispos Dom Jeová Elias Ferreira, Dom Eugênio Rixen.
À professora Dra. Eliana B. Fleury Curado e ao corpo discente deste Instituto.

AGRADECIMENTOS

Irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Por isso, disponham-se a serviço uns dos outros através do amor. Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: "Ame o seu próximo como a si mesmo".

Gálatas 5,13

A Deus bendigo pelo momento oportuno de sua graça, em que me concedeu os estudos acadêmicos junto ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, e a produção deste trabalho. Agradeço a todos que colaboraram com nesta etapa em minha formação, e em particular a minha orientadora, Profa. Dra. Eliana Borges Fleury Curado, aos seminaristas e formadores que diariamente conviveram comigo, aos meus familiares e à Diocese de Goiás.

*“O importante é descobrir uma verdade que seja verdade para mim,
encontrar uma ideia pela qual eu possa viver e morrer”.*
Kierkegaard

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os modos existenciais como expoentes da filosofia de Søren Kierkegaard (1813-1835), compreendendo nas categorias que ele propõe o homem existente, nas relações consigo, o mundo e com Deus. Para isso buscamos os elementos gerais do pensamento do autor, sob a influência histórica, acadêmica e social de sua própria existência; o conceito de verdade que em sua perspectiva é inseparável do sujeito, levando à proposição da subjetividade como via de seu reconhecimento. A existência tomada diante de si, pela consciência e na liberdade, coloca o homem diante de si mesmo, seu atuar no mundo na ordem do devir da vida. Por isso, é uma filosofia da possibilidade, onde nada é pressuposto previamente, mas construído na temporalidade do instante, no qual deve realizar a escolha. Temos uma divisão em três possibilidades, a do estágio estético, a do estágio ético e do estágio religioso, que se sobrepõem e se interrelacionam na medida que se vive. Tem lugar na reflexão as dimensões humanas da angústia, do tédio, do desespero, da fé, que enumeramos para dizer da concretude de seu caminho filosófico. Destarte, à medida em que se produz temos um itinerário teórico investigativo, que lança olhares sobre a realidade na qual estamos inseridos, chamando nossa atenção para que é em si mesmo o homem e seu posicionamento diante das circunstâncias que o interpelam.

Palavras-chave: Kierkegaard; Existencialismo; Estádios de vida.

ABSTRACT

This work has the purpose to present existential ways of living as the centre of the philosophy of Søren Kierkegaard (1813-1835), a centre understood in the categories that he proposed to an existent man in his relations established to himself, the world and God. In order to search for general aspects of his thought under a historical, academic and social influence of his own existential experience, the concept of truth is, in his perspective, inseparable from the subject and takes subjectivity as a path to recognition. The existence taken ahead of him by the free consciousness puts a person in a confrontation with himself and his way of acting in the world. Therefore, Kierkegaard's philosophy is a philosophy of possibility, where nothing is supposed and everything is built at the temporality of the moment, in which everyone must choose. In this scenario we have three possibilities: aesthetic way, ethical way and religious way. These ways of life overlap each other and are interrelated during someone's life. In this reflection we can find human dimensions as anguish, boredom, despair and faith that reveal the concreteness of his philosophical path. Meanwhile we create a theoretical way of inquiring that lightens up the reality in which we are all living, requiring our attention to what is in itself man and his attitude in relation to the circumstances we must face.

Keywords: Kierkegaard; Existentialism; Ways of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 KIEKERGAARD: UM EXISTENTE	13
1.1 KIERKEGAARD: SUA EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO FILOSÓFICA.....	14
1.2. ITINERÁRIO FILOSÓFICO E OBRAS	19
1.2.1 A reação ao romantismo.....	21
1.2.2 A crítica ao idealismo alemão	22
2 A EXISTÊNCIA ENQUANTO POSSIBILIDADE	27
2.1 A COMPREENSÃO SUBJETIVA DA EXISTÊNCIA	28
2.2 AS OBRAS ANALISADAS.....	30
2.2.1 A obra <i>Ou-Ou</i>	30
2.2.2 A obra <i>Temor e Tremor</i>	34
2.3 A DIALÉTICA EXISTENCIAL	35
2.4 OS ESTÁDIOS EXISTENCIAIS	38
2.4.1 O estágio estético	38
2.4.2 O estágio ético.....	42
2.4.3 O estágio religioso	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da filosofia o homem tomou por inúmeras vezes destaque, seja por ser tomado como sujeito da especulação, ou ainda quando perguntamos o que é o homem, no desenvolvimento de uma ontologia. Por outro lado, houve aqueles que optaram por refletir sobre como o homem deve agir no mundo, desde o âmbito pessoal, familiar, até o social, elaborando estudos éticos. É nesta perspectiva de se ocupar com o homem que buscamos conhecer o filósofo dinamarquês e aprofundar na sua proposta de uma filosofia que tome como ponto de partida a realidade.

Encontramos em Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) uma produção que considera o homem como existente, num olhar que é capaz de evidenciar a multiplicidade e a contradição, que nós mesmos reconhecemos no cotidiano de nossa vida. O ponto de partida de Kierkegaard abre caminho, de certo modo, para o desenvolvimento do existencialismo, da fenomenologia e mais tardiamente da teoria crítica, escolas que marcam a história da filosofia desde o século XX e formam o arcabouço teórico da filosofia contemporânea.

Para o dinamarquês a verdade é reconhecida na subjetividade, uma postura que o coloca em extremada oposição aos seus contemporâneos, imersos culturalmente na herança do hegelianismo e do romantismo. Sua crítica aos sistemas filosóficos é justamente ao fato deles buscarem responder abstratamente às questões que são postas pelo próprio existir humano, soluções que se encontram em planos inacessíveis.

Assim, nosso estudo se ocupou em explorar a compreensão do homem, em sua ótica, tomando categorias que elaborou remetendo ao cotidiano, nos dramas e questões que afligem a humanidade na singularidade de seu existir. Uma filosofia que permite, em um aspecto ou outro, nos reconhecermos nela. A abordagem do tema considera sua consonância não através de um caminho reflexivo abstrato, mas parte da realidade vislumbrada na vivência humana.

É pertinente ressaltar, por ora, que não se trata de uma abordagem psicológica, mas uma reflexão realizada de modo filosófico, através do escrito de Kierkegaard, mais especificamente através das obras *Ou-ou* e *Temor e Tremor*. Nelas

o autor dinamarquês desenvolve uma análise da existência categorizada em três estádios: estético, ético e religioso.

Em âmbito acadêmico, destacamos a relevância deste trabalho diante da escassez de pesquisas e a complexidade de sua produção, uma vez que são ainda um pequeno número os estudiosos de Kierkegaard no Brasil. Entre possíveis motivações para o estudo de sua obra filosófica podemos indicar a complexidade de seus escritos, em que defende uma série de posições distintas entre si e em conflito com as demais, além de haver poucas publicações em língua portuguesa.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o autor, tendo como finalidade compreender a partir do contexto histórico, bem como as fases de sua própria existência, a filosofia que ele desenvolveu. Com o título *Kierkegaard: um existente* apresentamos um excursão sobre a vida do filósofo evidenciando os fatos marcantes que ecoam na produção de sua obra. A vida de um melancólico profundamente marcado pela rígida formação que recebera de seu pai, a morte de seus irmãos, a tradição religiosa, os conflitos com a Igreja e a imprensa, a efervescência cultural dinamarquesa, os estudos acadêmicos são balizadores para a compreensão da multiplicidade de sua produção.

A existência refletida no itinerário filosófico e as reações ao romantismo e ao hegelianismo são os pontos que abordamos ainda nesta primeira parte, para elucidar as possibilidades temáticas que podemos encontrar no estudo de Kierkegaard. A radicalidade com que ele opta por uma filosofia existencial conduz o leitor a reconhecer a verdade subjetiva e uma crescente valorização do indivíduo. Os problemas que o cercam são ocasião da reflexão, o que podemos nominar *locus* filosófico. O homem em sua experiência limitada e finita é o ponto de partida, que se desenvolve no confronto com o que está diante de si e o que é si mesmo, na sua consciência que leva ao caminho hermenêutico caracterizado pela dialética da vida, relacionando também com a tradição.

No segundo capítulo, tratamos da *Existência enquanto possibilidade*, onde analisamos a perspectiva antropológica propriamente dita, e os estádios existenciais, analisando-os nas obras *Temor e tremor* e *Ou-ou*. A existência por si mesma é compreendida pelo filósofo dinamarquês como o constante devir da liberdade. O homem, visto por nosso autor, está vinculado à temporalidade do instante e nele conjuga a angustiante tarefa de escolher, sem nenhum tipo de predeterminações externas.

Estando o indivíduo em relação consigo, com os outros e com Deus, encontra as possibilidades tanto de viver, quanto de conceber a existência. Para analisar o homem, elaborou a filosofia dos estádios existenciais que, de modo correspondente às relações, entende que sejam três: estágio estético, estágio ético e estágio religioso.

Antes de partirmos diretamente para o exame de cada um dos estádios, realizamos a apresentação das obras: *Ou-ou* e *Temor e tremor*, para contextualização das construções conceituais que a trama das narrativas proporciona aos leitores. Enquanto *Ou-ou* é uma obra volumosa, a ponto de ser dividida em duas partes, *Temor e tremor* é um pequeno texto, porém em ambos podemos experimentar a densidade teórica do autor.

No terceiro subtítulo, *A dialética existencial*, buscamos evidenciar a reflexão que Kierkegaard faz no prefácio de *Ou-ou* tratando da relação interior e exterior em via de conflitos constantes na existência humana, e o questionamento que ele faz à filosofia de seus predecessores, apontando por fim que o movimento ocorre nos meandros da vida, no concreto e não através da história, uma dialética que pode ser reconhecida na subjetividade daquele que se desespera e tem que escolher.

Os estádios existenciais ocupam o quarto subtítulo de nosso trabalho, onde podemos conhecer cada um deles em pormenor, suas características e correspondência na vida. O estético é marcado pela vida dedicada à superficialidade, aos prazeres, avesso a qualquer tipo de compromisso, numa existência que é a ausência total de sentido de vida. A angústia diante das infindas possibilidades e o desespero são próprios deste estágio. O ético é a superação do egoísmo, para estabelecer relações sociais regidas pelo dever e pela lei moral. A fuga do tédio dá lugar à repetição, constituição do hábito e o reconhecimento de si mesmo como sujeito da ação, bem como se vinculando às consequências da escolha. Por último, temos o religioso, que não se trata de alguém com vínculo institucional, mas daqueles que se colocam em relação do próprio Deus, por conseguinte não se trata da observância de um código moral com fundamento metafísico. É a via da vida autêntica de quem se lança à experiência com o transcendente, não pautando a existência em qualquer tipo de prática de mera exterioridade.

Para a realização desta pesquisa exploramos os conteúdos bibliográficos disponíveis, entre: livros, artigos, comentários e algumas teses, tendo em vista a escassa produção sobre o autor no Brasil. Salientamos que, dentre as publicações está uma primeira grande tradução de textos do autor, realizado por *Ernani*

Reichmann, que citamos várias vezes em nosso trabalho, considerando dar voz diretamente a Kierkegaard. A partir da leitura e fichamento, selecionamos o que se identificamos como relevante, coadunando com o estudo a que nos propusemos na elaboração deste trabalho.

O trabalho segue na perspectiva de propiciar aos leitores o conhecimento do autor e de parte de sua reflexão filosófica, sem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades que as suas diversas obras oferecem. Sem dúvida é um exercício extremamente interessante e de grande relevância ao considerar a história da filosofia. Contudo, a contribuição de Kierkegaard ultrapassa os limites da especulação filosófica, dada a pertinência do confronto com a realidade, pois destemidamente lança sua crítica a uma vida irrefletida, sem compromisso com a verdade, marcada pela ilusão da multidão nos aspectos pessoais, sociais e religiosos.

1 KIEKERGAARD: UM EXISTENTE

A história da filosofia é marcada por escolas, métodos e teorias que se aproximam e se distinguem ao longo dessa história. Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), contrariando o modelo vigente, parte para uma filosofia do homem existente, em oposição ao logicismo abstrato e universal então em voga em sua cultura, podendo em sua multiplicidade ser caracterizado como um pensador subjetivo e particular, que posteriormente fora denominado como existencialista, que implica ter como ponto de partida o homem existente. Compreendendo o ser em sua existência concreta, particular e relacional, neste trabalho buscamos analisar o modo como nos é apresentada a filosofia existencial dos estágios.

Antes de partirmos para a especificidade do que são os estágios, como propõe o autor dinamarquês, propusemos um caminho de compreensão dele mesmo em seu contexto, apresentando e situando o desenvolvimento de sua filosofia, que é profundamente marcada pela sua própria existência.

Søren Kierkegaard, na obra *O ponto de vista explicativo da minha obra com escritor* apresenta no capítulo segundo uma associação entre as diferentes formas de sua existência pessoal em consonância às diversas formas de sua produção. Encontramos um excuro onde, o autor, explora elementos que ele caracterizou como próprios de um ou outro modo de existência, em cada fase da sua vida (cf. KIERKEGAARD, 2002, p. 51-64).

Um homem de vida breve, mas intensamente refletida, é como muitos dos biógrafos o apresentam. Sua vida e obra estão de tal modo ligadas que o estudo de sua filosofia requer uma particular atenção a sua experiência, como aponta Gardiner:

Sua obra e sua vida pessoal eram realmente inseparáveis, e as relações entre as duas foram fielmente registradas em seus abundantes diários, que ele escrevia desde os seus 21 anos e que ilumina os recônditos labirínticos de sua disposição estranha e complexa (GARDINER, 2001, p. 10).

Além do próprio Kierkegaard, biógrafos e estudiosos de sua filosofia asseveram a associação dos três modos de vida por ele elaborados¹ a períodos de sua vida em que experimentou os mais diversos estilos de ser, estar e se relacionar

¹ Os modos de vida são três: ético, estético e religioso. Por ora apenas os enumeramos, salientando que nos ocuparemos de modo pormenorizado no segundo capítulo deste trabalho.

com o mundo e as pessoas. Uma existência marcada pela contradição e fases assimétricas, que pode ser vislumbrada em uma dialética extremamente contraditória, distante de ser uma concretização de ideias universais, é um emaranhado de acontecimentos e posicionamentos díspares.

A sua existência é algo que jamais será objeto, é a *origem* a partir da qual cada um experimenta, pensa e age. Existir, para o homem, não equivale a ser (*Vaerem*) ou de ter a existência, empírica, imediata, a existência de fato (*Tilvaerelse*). O homem é o único existente, distinto dos outros entes que só tem uma existência de fato e não sabem quem são. Muito mais, para o homem, sua existência é uma tarefa, uma exigência: a de ter que devir, edificar-se (FARAGO, 2011, p. 75).

A filosofia antropológica que Kierkegaard desenvolve reflete sobre o ente particular, aquele que se coloca diante de si, compreendendo-se livre. Para o estudo do homem, tomado como indivíduo², elaborou os estados ou modos de concretizar a existência, partindo para o contingente e o empírico, primando a compreensão dialética do sujeito particular. Um aspecto marcante de sua produção é a atribuição da autoria a pseudônimos-personagens que, longe de ser um mero detalhe, é fulcral para a leitura e compreensão de seu intento, uma vez que nominar distintamente possibilitava uma redação independente entre si e por vezes com posicionamentos distintos, além de evitar associações e análises comparativas delas.

1.1 KIERKEGAARD: SUA EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO FILOSÓFICA

Søren Kierkegaard inaugura uma filosofia que tem como ponto de partida a existência, em seu complexo processo envolve cada homem de modo singular. A filosofia da existência centra sua reflexão na vida, no indivíduo e na construção da subjetividade. Segundo o autor é recolocar a pergunta pelo sentido da vida por ela mesma, sem pressuposições superiores ou abstrações. Assim o estudo de sua produção filosófica, pode não somente ser contextualizada em uma época, o século XIX, mas estão associados especificamente aos fatos que lhe ocorreram durante sua existência.

² O indivíduo não deve ser compreendido em aspecto numérico, mas designação do homem consciente de suas categorias existenciais, ou senhor do sentimento de seriedade (cf. TISSEAU *apud* FARAGO, 2011, p. 19).

O seu nascimento data de 5 de maio de 1813 e a morte aconteceu em 11 de novembro de 1855, em Copenhague – na Dinamarca. A sua vida, apesar de breve, foi bastante produtiva e de significativa profundidade, possibilitando transformações metodológicas e temáticas no pensar filosófico, que lhe conferiu um posterior reconhecimento em seu país e ampliou horizontes a tantos outros que o sucederam na filosofia.

Sua vida durou 42 anos, mas foi intensamente refletida e eternizada em seus inúmeros escritos. Kierkegaard é filho da velhice de *Ane Sørensdatter Lund Kierkegaard*³ e *Michael Pedersen Kierkegaard*, tendo sua mãe 45 anos e o pai 56 anos, vindo muito cedo ficar órfão de sua mãe.

Søren escreve em seu diário que não possuiu infância feliz, pois cresceu em ambiente sombrio e triste. O ambiente em que cresceu e recebeu educação marcou profundamente sua vida, a ponto dele mesmo descrevê-la como uma realidade extremamente distinta das outras crianças.

Não conheci jamais alegria de ser criança. Os suplícios horríveis que suportei perturbaram esta paz em que deve consistir a infância, quando se pode pela aplicação dar alegria a seu pai. Minha inquietação interior fazia com que sempre, sempre me sentisse fora de mim (KIERKEGAARD *apud* REICHMANN, 1972, p. 19).

Nos escritos de seu diário é constante a presença da figura paterna⁴, que nele imprimiu uma forte melancolia. Referindo-se à sua situação, diz ter sido bastante severa. “Durante muito tempo tudo fiz para me libertar desta melancolia, que quase me impediu de ser homem. Fiz o impossível porque ou a destruía ou ela me destruiria” (KIERKEGAARD *apud* REICHMANN, 1972, p. 18).

O autor deve ser compreendido historicamente em um contexto pós-guerra em que seu país se envolveu por seis anos junto com a Rússia e a Suécia, numa

³ A sua mãe fora criada de sua família e muito provavelmente tivera um relacionamento com Michael, quando ainda vivia sua primeira esposa Kirstine. Esta última, devido à saúde frágil, faleceu precocemente, possibilitando a união entre seus pais. Sua mãe foi uma pessoa modesta, serena, simples, que Kierkegaard não cita muito em seus escritos (cf. HARBSMEIER, 1993, p. 192).

⁴ Michael Kierkegaard, não era somente marcado por uma religiosidade pietista, bem como a transmitiu aos seus filhos. A formação pietista que caracterizava a religião na região da Jutlândia, onde nasceu e foi educado, o fez um homem de personalidade triste, ansioso e muito devoto. Michael Pederson Kierkegaard se enriqueceu como comerciante e mudou-se para Copenhague, sem, contudo, esquecer sua origem e sua formação, que passou devotamente a seus sete filhos. O peso desta maldição o fez compreender a vida e todas as dificuldades que infligiu a partir deste evento, assim interpretou a morte de todos os seus filhos e esposa como uma consequência direta da proclamação que fizera contra Deus. A relação de Kierkegaard com seu pai é, sem dúvida, uma chave importante para compreender sua elaboração filosófica (cf. GARDINER, 2001, p. 11).

guerra contra a Inglaterra, chegando à falência econômica. Concomitantemente este período foi classificado como época de ouro na cultura e de crescente intelectualidade. Eberhard Harbsmeier apresenta a época como aquela que deu à Dinamarca os seus mais famosos filhos, enumerando o escritor H.C. Andersen (1805-1875), o físico Hans C. Oersted (1777-1851), o escritor N.F.S. Grundtvig (1783-1872) e o próprio Søren Aabye Kierkegaard.

Sua época foi fortemente influenciada pelo idealismo alemão de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Não obstante, podemos afirmar: “uma época em que a vida cultural dinamarquesa estava dominada quase por completo pela vida intelectual alemã, mas contra a qual começava a se esboçar um movimento nacional” (HARBSMEIER, 1993, p. 193). A influência de Hegel se estendia para além da filosofia. Como método, influenciou as humanidades em geral, alcançando também a teologia através da qual Søren teve primeiro contato.

Sua formação acadêmica teve início com o curso de Teologia, em 1830, obedecendo à vontade paterna e seguindo os passos de seu irmão Peter, mas desviando dos estudos clássicos para assuntos literários e filosóficos. É nesta época de sua vida que realiza uma virada, abandonando os moldes ditados por seu pai, passando a outro que pode ser definido como o de um boêmio. É nesse período que o filósofo adquire a reputação de um homem mordaz e irônico, “um demônio das piadas”, para quem nada deve ser levado a sério e tudo é apenas uma brincadeira (cf. HARBSMEIER, 1993, p. 195).

Comparado a seu irmão, que foi um prodigioso estudante de teologia, a ponto de terminar o curso em prazo menor que o estabelecido pela Universidade, Søren lhe foi inversamente proporcional, o estendendo em demasia, vindo completar aos 27 anos e com classificação ruim.

A descrição de sua atitude, na verdade, refletia o modo de vida que ele buscava na época, parecendo ter sido adotado deliberadamente para desafiar os ideais austeros e os preceitos frugais aos quais seu ambiente familiar tentara acostumá-lo. Kierkegaard esbanjava dinheiro em roupas e bebida, acumulando dívidas que deixava para o pai pagar. Também ia a festas, bares e restaurantes. Frequentemente era visto no teatro e na ópera, onde (em suas próprias palavras) aparecia como “um homem com roupas modernas, óculos no nariz e charuto na boca” (GARDINER, 2001, p. 13 – grifo do autor).

Ele se tornou uma figura que despertava o interesse por onde passava, seja pelo modo de vestir, ou ainda, por sua oratória. Em uma cidade pequena e de clima

interiorano não demorou muito para suscitar a curiosidade em diversos de seus contemporâneos, principalmente por aqueles que acompanhavam as idas e vindas para os bares e mais acentuadamente daqueles que dele eram objeto de escárnio e sarcasmo.

Uma viagem, em 1835, deu a ele um despertar de âmbito religioso. Afastando da vida que levava em Copenhague, foi visitar seu tio no Norte de Selândia, onde foi provocado por uma experiência romântica da natureza e pelas conversas que teve com o tio, que era um cientista naturalista. Deste momento em diante começa uma busca de respostas a partir de sua vida, almejando reconhecer nela uma verdade, “verdade para mim, de encontrar uma ideia pela qual eu possa viver e morrer” (KIERKEGAARD *apud* HARBSMEIER, 1993, p. 196) que não se identificava com uma verdade objetiva, seja das já produzidas anteriormente, ou ainda que ele elaborasse. Imperou nele o desejo de uma verdade concreta ligado “à raiz mais profunda da minha existência” (KIERKEGAARD *apud* HARBSMEIER, 1993, p. 196).

Kierkegaard concluiu o curso de teologia somente em 1841 e atribuiu seu término à morte do pai. Seu posicionamento desinteressado pela teologia em modos hegelianos e o apreço por uma vida na boemia o levaram a estender por mais de nove anos o término do curso. Søren, a partir deste evento, encarou a necessidade de finalizar estes estudos em vista do desejo de também se tornar pastor da Igreja estatal. Por isso, o ano de 1838 marca uma profunda imersão no estudo para o exame final de sua graduação (cf. GARDINER, 2001, p. 14), terminando o curso que seu pai desejara para ele sem, contudo, ingressar na Igreja como pastor, como pretendia outrora.

Kierkegaard continuou seus estudos escrevendo a tese *O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates*, onde retoma a filosofia clássica grega, para propor a interpretação existencial de uma ironia inerente ao humano. Ao homem é reservado, para o autor, a investigação das diversas posições e argumentações com que se depara ao longo da vida, e os pressupostos nos quais se assentam. A liberdade diante das possibilidades é apresentada pretensiosamente no cotidiano, enquanto ao pensar se pretende saber. Isto remete ao “Sei que nada sei” socrático tomado como atitude, modo de ser de todo existente.

Além do aspecto formativo de sua personalidade, profundamente marcado pela experiência de fé transmitida por seu pai, Kierkegaard foi um grande crítico a Igreja dinamarquesa. Não poupou acusações às lideranças, denunciando uma

religiosidade que julgava ser de muitas formalidades vazias e mais ainda por estar vinculada ao Estado.

Os últimos anos de sua vida foram marcados por um acento nesta conflituosa relação com a Igreja dinamarquesa e com a imprensa. Seu posicionamento diante da Igreja Luterana (estatal) foi marcado por duras críticas ao bispo Mynster, bem como a Martensen, seu sucessor no ofício em Copenhague.

Para Kierkegaard, Mynster encarnava dolorosamente o divórcio entre a vida e a doutrina cristã. Ele representava as virtudes da Igreja Oficial que desempenhava bem seu papel, mas para o Estado. O brilho mundano de seu sacerdócio chocava Kierkegaard profundamente (LE BLANC, 2003, p. 43).

Kierkegaard considerava a Igreja oficial uma instituição secularizada, burocrática e corrompida, por andar sob a égide do Estado. Olhava para Mynster que após o culto dominical, no qual sua pregação incentivava a renúncia e uma vida ascética, se juntava a corte tomar as refeições. Com a morte de Mynster em 1854, Martensen assume a Igreja, e já seu elogio póstumo ao predecessor, gera em revolta em Kierkegaard, tal provocação levou a publicar polêmico texto no qual questiona a verdade da qual era testemunha o falecido epíscopo (cf. LE BLANC, 2003, p. 44). Não foram raras as vezes, o filósofo dinamarquês, apontou para o fato de que muitos dos membros da Igreja, e sobretudo os clérigos, possuíam interesses de autopromoção e de conquistarem bens materiais. Vivendo, de modo inversamente oposto, as pregações, sermões e ensinamentos eram fortemente marcados por propor a virtude da pobreza, o desprendimento dos bens materiais e até a renúncia destes.

Mas quando Mynster morre em 1854 e seu sucessor, o hegeliano Martensen, o elogia como sendo “testemunha da verdade”, Kierkegaard dirige um ataque duro à Igreja estatal, que culmina num convite ao povo para que não vá à igreja, para não ser cúmplice de tudo o que lá acontece: o escárnio de Deus e a hipocrisia (HARBSMEIER, 1993, p. 200).

Ainda com relação à Igreja, seu posicionamento chegou ao extremo de desaconselhar que os membros deixassem de participar, rompendo em definitivo com uma fé corrompida pelos líderes religiosos e a serviço do Estado. Este foi seu posicionamento até sua morte, sempre evidenciando as incoerências presentes de seus membros e causando as mais distintas reações.

Kierkegaard se posiciona também como um verdadeiro crítico da sociedade que se deixava influenciar de modo crescente pelas manchetes de jornais, apontando

a dissolução das posições pessoais, pelas construções dos jornalistas tornando as elaborações, muitas vezes comprometidas com quem as redige, um pensamento de massa, fazendo o indivíduo sucumbir na multidão.

Nesta polêmica Kierkegaard aparece como um crítico da sociedade, como um crítico da imprensa de massas, da sua superficialidade e falta de postura ética. Kierkegaard aponta para o lado negativo da democracia, como a perda, o afogamento do indivíduo no anonimato da multidão (HARBSMEIER, 1993, p. 200).

É no conflito com *O Corsário*, jornal editado por Moller, que ele desenvolve a elaboração conceitual presente na obra *Nossa Época*, em que demonstra sua insatisfação com o jornalismo, lançando críticas duríssimas a uma cultura de massa, da multidão e descomprometida com a verdade.

Sua saúde frágil o levou à morte aos 42 anos, levando a termo uma vida de profunda melancolia, de que experimentou a angústia do indivíduo, que é si mesmo e histórico, uma vida que por ele fora considerada numa cronologia temporal de um instante diante das possibilidades inesgotáveis e de realizações deficientes, que não conduziram ao reconhecimento de seus contemporâneos, porém louvável quanto ao distanciamento de filosofias com as quais se deparou e propositivo da novidade subjetiva. No início de mês de outubro Kierkegaard, convalescente, perdeu os sentidos caminhando pelas ruas de Copenhague. Daí em diante foi gradativamente debilitando até o falecimento no dia 11 de novembro de 1855.

1.2. ITINERÁRIO FILOSÓFICO E OBRAS

A produção intelectual de Kierkegaard é muito ampla e complexa, seus escritos foram editados em coleções de livros e discursos, o volume e a grandeza de sua obra depreende uma intensa e variada produção que perpassa a filosofia, teologia, diários, crítica literária e social. Sem dúvida é dos autores de sua época um dos que mais escreveram, possuindo mérito não somente pela grande quantidade, mas pelo conteúdo diverso, uma grande capacidade de elaboração teórica e de aproximação com a realidade.

Da publicação de *Ou, ou*, obra não assinada até a morte do filósofo, em 1855, aos 42 anos, Kierkegaard escreveu ininterrupta e simultaneamente obras de interesse filosófico, teológico, diários, sermões, crítica literária e crítica social.

Esses treze anos de intensa produção geraram uma obra densa, diversificada e bastante extensa, caracterizada pela heteronomia (CURADO, 2006, p. 93).

Um escritor independente e anônimo, por boa parte dos anos em que escreveu, Kierkegaard, utilizava de pseudônimos para publicar seus escritos, bem como financiava as publicações com seus próprios fundos, o que lhe permitiu produzir um pensamento livre de censura de qualquer espécie, seja acadêmica, editorial, ou ainda que fosse pelo interesse de venda.

Ele estabeleceu uma comunicação indireta e poética em suas obras, como alguém que atua em uma peça de teatro, ou ainda, como eu-lírico de um grande poeta. Não obstante, assim ganhou reconhecimento dos que se dedicam a estudar sua obra:

Kierkegaard sempre manteve uma relação poética com suas obras. Em sua obra filosófica só se exprimiu por meio de pseudônimos: considerou-se o autor desses tratados na medida em que punha na boca da personalidade poética criada (*Johannes de Silentio* ou ainda *Frater Taciturnus*) uma certa concepção pontual da existência (LE BLANC, 2003, p. 111).

Ao nominar com pseudônimo os autores de seus escritos oportunizava uma liberdade na construção da trama, em que o autor toma assentos de própria personalidade, o que também levava os leitores não associar as obras em comparações e críticas. Para além disso se constitui um método que o acompanha, possibilitando a diversidade de posições diante da vida, conforme elenca Curado:

O uso de pseudônimos, muito além do mero exercício literário de uma mente brilhante, revela-se, no conjunto de sua obra, uma necessidade própria de sua filosofia. Interessa ao dinamarquês o homem-existente; é dele que partem os problemas teóricos. Por isso, o uso recorrente de pseudônimos não é meramente o desejo de se ocultar; antes é a escolha de um método: os pontos de vista são modos distintos de se chegar a um mesmo lugar. Esse método oferece uma abordagem perspectivada, que contemplaria todos os lados da questão em pauta, sem permitir a ascensão a uma verdade universal (CURADO, 2006, p. 93-94).

A heteronomia não pode ser reduzida a um simples recurso literário, mas deve ser colocada no quadro abrangente de sua obra, como uma necessidade que advém de sua própria filosofia, que lança o sujeito do finito ao infinito, das possibilidades e da existência.

O ponto de partida de toda produção do dinamarquês torna-se *a priori* a via que seu leitor deve tomar para compreensão tanto metodológica, quanto do

desenvolvimento de uma filosofia distinta de seus predecessores e muito bem demarcada pelas questões que a cercam.

A sua filosofia volta-se para a compreensão do homem existente, na contingência e na concretude. Retomando a ironia de Sócrates, parte para a dialética do ser, como sujeito particular e relacional. Por conseguinte, rompe com o logicismo idealista e se coloca defronte ao humano, cuja existência é possibilidade infinita de ser, abarcando até mesmo a contradição.

Kierkegaard, distinguindo-se de muitos de seus contemporâneos, em período que predominava o romantismo e o hegelianismo, optou por uma via solitária na busca pela verdade na finitude e subjetividade da existência. Estes dois movimentos marcavam profundamente a atmosfera cultural europeia em sua época, influenciando nas universidades e nos ciclos sociais. A marca do romantismo excede os limites da literatura e filosofia podendo ser observada através das artes, da pintura, da arquitetura, da moda, das expressões da linguagem.

Kierkegaard também recebeu influência tanto do romantismo, quanto pelo hegelianismo, contudo insatisfeito com as possibilidades que ambos ofereciam, se opôs a eles⁵, e de certa maneira reagiu com sua produção a problemática que encontrou em cada um. Nos ocuparemos, sumariamente, em enunciar o posicionamento conflitante do dinamarquês com estes dois movimentos.

1.2.1 A reação ao romantismo

Os românticos afirmaram a personalidade do homem particular como algo mais elevado que o estritamente racional, entre suas preocupações podemos elencar uma visão individualista, e o gradual afastamento da normatividade racionalista. Em outra perspectiva este movimento se estabeleceu em um sentimentalismo, em uma crença de um amor natural pelo bem.

O filósofo danês não conseguia perceber tanto no idealismo alemão, quanto no romantismo, respostas ao que o afligia, os problemas do homem. Para ele tanto a

⁵ Vislumbramos, diante desta oposição ao romantismo e ao hegelianismo, a possibilidade de aprofundamento através de um confronto seja em âmbitos conceituais, linguísticos, estruturais ou temáticos da filosofia desenvolvida por cada um deles e Kierkegaard tendo como fim explorar quaisquer que fossem as convergências e rupturas. Contudo nosso objetivo, no presente trabalho, restringe-se tão somente ao posicionamento que apresenta o próprio autor, no que busca o radical afastamento, bem como grande parte dos comentadores como poderão notar no decorrer do nosso escrito.

abstração racional do idealismo, quanto a construção individualista dos românticos não coincidia com a realidade antropológica. Podemos afirmar que ele se tornou um feroz antirromântico, bem como um antihegeliano, rompendo com as duas principais vias vigentes no horizonte cultural em que estava inserido.

Kierkegaard rejeitava tanto o romantismo quanto o hegelianismo, por entender que não conseguem responder aos grandes problemas do homem. Em oposição aos ideais românticos, o filósofo oferece a realidade da existência (CURADO, 2006, p. 95).

Estamos diante de um autor que, a partir de seu contexto histórico, de suas particularidades enquanto indivíduo singular, e por meio de sua força argumentativa, apresentou uma transformação no modo comum de filosofar, propondo uma oposição ao pensamento que não considerava a importância do homem em sua concretude, na sua experiência, em detrimento de uma filosofia que visava controlar a natureza e a existência mesma através de leis gerais, desligadas da efemeridade, da liberdade, dos anseios e dos desejos.

1.2.2 A crítica ao idealismo alemão

Kierkegaard colocando em questão a existência humana no primado do indivíduo, compreendido em sua experiência vital, que é limitada, finita, e ainda privado de uma clareza no que diz respeito a si mesmo, e que deve conquistar, não sem sofrimento, a consciência, se opõe decididamente ao idealismo alemão. Por isso, nesta via podemos assertivamente apresentar a problemática de uma história da filosofia que se desenrola a partir do conhecimento do homem de sua finitude, numa consequente relatividade tanto das coisas, quanto das opiniões, que no seu trabalho se expressa em processo de reflexão, díspar de uma construção abstrata, mas tem seu fundamento na solidez da própria existência.

O fato de o homem enraizar-se na finitude do seu ser histórico aparentemente o condena a uma existência cega e limitada, privado de toda lucidez autêntica quando se trata de entender a sua existência passada, presente e futura, ou seja, de saber e entender tudo o que for válido no que diz respeito, tudo que lhe for indispensável como fundamento mais sólido para todo saber e entender possível e real (GILES, 1975, p. 10).

O homem está dentro da progressão histórica, como alguém que estabelece uma interface reflexiva consigo mesmo e com a tradição, na sua consciência. Esta reflexão não parte de um princípio especulativo extrínseco, mas da própria experiência que proporciona o horizonte de passado, presente e futuro. Trata-se de um caminho hermenêutico a partir de si e na relação situada com seu tempo.

Kierkegaard impressionado pela forma que o hegelianismo se arrogava o direito de ignorar a concretude do indivíduo, afasta desta dialética e por sua vez, energicamente passa a contestá-la. O pensador danês tem a convicção que a existência humana não pode deixar-se dissolver na pura conceituação intelectual. A proposta do existencialismo se opõe ao idealismo alemão, por não supor um progresso na história da filosofia de modo estritamente lógico e crescente.

Como chave para uma compreensão da antropologia que desenvolve Søren, temos a observação da realidade que ora está diante de si, e ora é si mesmo. Trata-se do homem moderno, enraizado em seu contexto, imbuído de suas experiências, influências, conceitos, passível de análise na diversidade das relações: familiares, sociais, religiosas. Kierkegaard, o primeiro desta vertente, não trata esse homem numa perspectiva idealizada, generalizante, mas o nomeia ora por seus pseudônimos, ora em outras colocando figuras como Abraão, Don Juan, Fausto, entre outros. Ele almeja uma concepção de indivíduo, que seja distinta de uma simples manifestação do Espírito Absoluto, como apresenta Giles, comentando o indivíduo para o hegelianismo:

Para Hegel o pensamento se torna concreto dentro da determinação geral de permanecer essencialmente abstrato; O sistema de Hegel pretende ser mais que um pensamento abstrato, ou seja, o pensar geral. Pretende ser a realização máxima do Espírito Absoluto como Espírito Objetivo do qual o Indivíduo não passa de uma simples manifestação, sem valor algum em si (GILES, 1975, p. 8).

Enquanto Hegel elabora um grande sistema filosófico abarcando toda a existência e história do mundo, o filósofo dinamarquês, interroga a ausência de um lugar nele onde pudesse ter visibilidade o homem existente, sua vida privada (cf. GILES, 1975, p. 8). Hegel "edificou uma construção imensa, um sistema universal que abarca toda a existência da história do mundo". Søren, atacando essas teorias objetivas, inversamente, insiste que a subjetividade é a verdade, "pois se trata de

fundamentar o desenrolar do pensar em algo que seja ligado à raiz mais profunda da existência que é o Indivíduo” (GILES, 1975, p. 9).

Kierkegaard não somente apresentou o Indivíduo, mas requereu para ele a liberdade e responsabilidade de se autodeterminar, de decidir, a tarefa de tornar-se autêntico. Em seu fazer filosófico tem lugar central o indivíduo, distante da concepção da certeza racionalista hegeliana.

A oposição de Kierkegaard a Hegel e ao hegelianismo ultrapassou o âmbito teórico, ao dedicar uma obra inteira, o *Post-Scriptum*, justamente para combater tal filosofia, além de explicitar sua insatisfação com os pensadores de sua época. Este trabalho foi produzido e publicado quase ao mesmo tempo em que escreveu obra *Os estágios no caminho da vida*, sobre os modos de vida, que se relacionam de modo bastante próximo em seu desenvolver filosófico.

O hegelianismo ao apresentar o mundo como resultado de um processo lógico, metodologicamente dialético e necessário, deu a Kierkegaard indignação por colocar o cristianismo como via de passagem no movimento. Como um escrito filosófico em 1846, lançou finalmente o *Post-Scriptum não-científico concludente às Migalhas Filosóficas*, para combater o sistema de Hegel e o perigo escondido de se afirmar cristão.

No entender de Kierkegaard, o que Hegel empreendeu em seu grandioso sistema em que o racional é o real, em que o interno e o externo coincidem no universal concreto, foi a suspensão de toda distinção entre Deus, o mundo e o Indivíduo, mergulhando tudo no sistema, uma vez que tudo se integra na essência única e o Espírito Absoluto (GILES, 1975, p. 7).

Søren propõe sistematização da realidade e sua inserção no âmbito do pensamento, como real. A existência não pode ser, para o dinamarquês, sistematizada, e o homem não pode ser “absorvido no absoluto da Idéia” (GILES, 1975, p. 8). Um exemplo da compreensão antropológica do autor, vemos em *O pensador objetivo*, opondo-se a abstração e identificando a verdade na existência:

Enquanto a tarefa do pensador abstrato, que consiste em explicar abstratamente o concreto, o pensador subjetivo tem, ao contrário, por tarefa compreender o abstrato de modo concreto. O pensamento abstrato afasta seu olhar dos homens concretos para considerar apenas o homem em geral; O pensador subjetivo compreende a abstração de “ser homem” concretamente: ser este homem particular existente (KIERKEGAARD *apud* REICHMANN, 1972, p. 252-253).

Kierkegaard propõe a verdade do indivíduo na sua subjetividade, concretizada no salto da fé, como uma atitude necessária para apropriação do cristianismo, modo pelo qual conseguirá realizar a paixão do Infinito. Portanto, temos o homem na sua interioridade paradoxal, que é sempre uma tensão, por isso, dinâmica e aberta, jamais a manifestação de uma totalidade pensada, como propusera Hegel e outros sistemáticos. Afirma Farago, apontando o paradoxo da existência:

Kierkegaard lembra que não é a razão que dirige o mundo, mesmo sobre os véus da paixão sem a qual, certamente, nada de grande se poderia realizar. A razão pode ser apenas reguladora, mas a matéria que ela deve regular mergulhar nas profundezas de um irracional- Kierkegaard fala de um “paradoxal” - absolutamente originário, que é a própria energia da vida em sua interioridade mais secreta, uma tensão que enfeixa todas as forças da alma, sem jamais coisa alguma vem afrouxar essa mola íntima (FARAGO, 2011, p. 70 – grifo do autor).

O afastamento da tradição o leva a uma investigação fora do campo da racionalidade ordinária, considerando o nível do paradoxo e da paixão que implica outros conceitos, não meros sentimentos, mas categorias da existência: angústia, desespero, liberdade e beatitude, esta última se relaciona com a eternidade, mas não se desligando dela experimentar na vida.

Kierkegaard não consegue conceber a existência incorporada em um sistema, dada sua pluralidade que é demasiadamente evidente e jamais devendo ser negligenciada, o indivíduo tem entre si e o Espírito Absoluto uma separação intransponível.

[...] a própria existência reluta contra a dissipação em fatores puramente ideais, pois na realidade não se consegue incorporar existência no sistema, porém, apenas a ideia da existência. E que fundamenta suas críticas a Hegel no abismo infinito entre o Indivíduo, em sua singularidade, e o Espírito Absoluto, entre o tempo em que o Indivíduo deve realizar suas potencialidades e a eternidade que é o próprio Deus, o Indivíduo Infinito (GILES, 1975, p. 9).

Temos como centro o indivíduo, na contingência da existência concreta e não no Espírito Absoluto em um sistema abstrato, de intermináveis raciocínios lógicos. O foco do dinamarquês marca uma virada na reflexão filosófica, abre caminho para pensar a verdade longe do modo de pensar numa idealidade.

Em seus estudos de teologia e mesmo por parte de seu orientador, Martensen, não eram poucos os que estavam deslumbrados pela filosofia recente

alemã. Preocupado com o perigo de secularização do cristianismo, Kierkegaard parte para o que ele acreditava ser da maior importância, como afirma:

Meu principal pensamento era que, em nossa era, devido à grande ampliação do conhecimento, havíamos nos esquecido do que quer dizer *existir*, e também o que significa *intimidade*; O equívoco entre filosofia especulativa e cristianismo tem essa base. Agora resolvi voltar o máximo possível, para não falar nada específico do modo cristão de existência... Se os homens também se esqueceram do que significa existir religiosamente, também se esqueceram, sem dúvida, do que significa existir como seres humanos; isso precisa ser dito (KIERKEGAARD *apud* GARDINER, 2001, p. 43 - grifo do autor).

Contextualizado por tal situação, nasce sua filosofia, preocupada com o homem concreto, a subjetividade, porque para ele o autoconhecimento só poderia ser alcançado no nível do subjetivo e não através da razão. O subjetivo a ser encarado e descoberto a partir de si deveria ser o que há de mais importante para os indivíduos.

Ao redigir *O ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, Kierkegaard, vai se caracterizar como um autor religioso, por conseguinte, aponta para a possibilidade de compreender seus escritos em consonância à paixão por uma religiosidade verdadeira.

Constitui, para voltar a dizê-lo, o ponto de vista crítico da obra inteira. Põe “o problema”: o de tornar-se cristão. Depois de se ter apoiado em toda a produção estética pseudônima, tomada como descrição de uma via pela qual é necessário passar para se tornar cristão, a saber, a via em que se *regressa* do estético para se tornar cristão, esta obra descreve a segunda via, a saber, aquela que *regressa* do Sistema, da especulação etc., para se tornar cristão (KIERKEGAARD, 199?, p. 49).

Ele aposta numa fundamental relação que se dá no âmbito do salto da fé e cultivada na interioridade, desenvolveu este primado do indivíduo que, existindo, necessita do tornar-se si mesmo, conquistar a autenticidade. Podemos observar, que com astúcia, elucida seu posicionamento a respeito de uma filosofia sistemática, que tenta abarcar através da abstração toda realidade, até mesmo a fé.

O intento de sua análise do existir humano o leva a uma tripartição em estádios de vida, também denominados modos de vida, a saber: estético, ético e religioso. Temos a existência individual lançada na necessidade de se decidir, eleger, no dinamismo das possibilidades, num contínuo devir na liberdade.

2 A EXISTÊNCIA ENQUANTO POSSIBILIDADE

O que há de original na filosofia de Kierkegaard? Em que nos interpela seus escritos? Se não quer propor um sistema de reflexão filosófica, de que se ocupa tamanha produção? É possível uma filosofia que se desdobra sobre o concreto da existência? Inúmeros questionamentos emergem diante de qualquer leitor de aguçada curiosidade frente a especulação filosófica do autor dinamarquês.

Se ousarmos definir uma síntese de sua produção, vamos estar diante da questão do homem, valendo sublinhar que de modo extremamente distinto de qualquer um que anteriormente elaborou uma antropologia, uma vez que ele prima pelo homem enquanto existente, o indivíduo na liberdade da possibilidade.

Com Kierkegaard, os modos de ser do pensador, do indivíduo, tornaram-se os objetos fundamentais da reflexão filosófica. O objeto da filosofia identifica-se cada vez mais com o sujeito que filosofa. Assim a morte, o desespero, a angústia, a liberdade, a finitude desempenham um papel de primeiro plano na elaboração da consciência, da personalidade e da verdade (LE BLANC, 2003, p. 125).

Para o filósofo danês, a questão do “ser”, como existente tem capital importância, pois o reconhecimento da verdade tão somente poderá ser dado através do sujeito existente e jamais passando pela abstração. Pelo contrário se ocupa das vicissitudes e dramas que cada um experimenta na vida.

Por isso, a filosofia kierkegaardiana pode ser caracterizada como uma filosofia profundamente marcada pelo devir, numa historicidade do instante e conjugada nas possibilidades, diante das quais experimenta a angustiante tarefa de escolher. Pela ausência de determinações, sejam interiores ou exteriores, é pura possibilidade, o homem constrói a si mesmo na medida que escolhe.

Ao vislumbrar o cenário tanto da quantidade vultuosa de escritos quanto da complexidade que possui, dadas as diversas nuances e vozes que utiliza, que chegam por vezes a se contrapor, optamos por apresentar uma especificidade dos modos existenciais, ou ainda, a denominada filosofia dos estádios.

A existência do indivíduo, para Kierkegaard, pode ser compreendida em três estádios distintos: estádio estético, estádio ético e estádio religioso. Cada um dos estádios existenciais está ligado a uma voz, um modo de ser, compreender o mundo,

de relacionar consigo e com os outros, a seguir passamos a cada um deles. De certa maneira, o leitor de sua obra está diante da questão da escolha, onde diversas vozes, representada pelos pseudônimos, constroem argumentos eloquentes de um posicionamento e as consequências a ele inerentes, cabendo a ele escolher o caminho a seguir. Em cada obra, temos a oportunidade de conhecer a verdade ligada a determinada situação, ou seja, apresenta-se na contingência (cf. FARAGO, 2011, p. 120).

Apresentando os estádios existenciais, Le Blanc, explicita que a verdade é subjetiva e é no caminho da vida que o indivíduo a reconhece, na dialética da existência. Ao se colocar em relação ao mundo, consigo e com Deus, o indivíduo está diante das três possibilidades fundamentais da existência, das quais depreende as infinitas possibilidades da existência. Estes estádios se interseccionam, dado que apesar de haver algo de gradação ou aprofundamento de um ao outro, o existente leva consigo algo do estágio anterior, bem como pode regressar a ele (cf. LE BLANC, 2003, p. 53).

No que se segue, partiremos da compreensão apresentada principalmente em *Ou-ou: um fragmento de vida* (1843) e em *Temor e Tremor* (1843). Obras nas quais encontramos, respectivamente, a defesa dos estágios estético e ético, e na segunda o estágio religioso. Contudo, temos uma obra em que especificamente trata do tema dos estádios da existência, *Os estágios no caminho da vida*, com publicação em 1845, que não está disponível em língua portuguesa.

2.1 A COMPREENSÃO SUBJETIVA DA EXISTÊNCIA

Søren Kierkegaard lançou as bases de sua filosofia existencial posicionando-se de modo contrário às proposições do racionalismo sistemático de Hegel (1770-1831), ao qual não faltaram, entre seus contemporâneos, numerosos seguidores e simpatizantes. Contudo, para o filósofo dinamarquês a negação da plena existência concreta como real, lançando-a ao todo da história universal, é uma redução da vida. Nesta perspectiva o homem é despersonalizado, sem nenhuma responsabilidade e suprimido pelo todo conceitual da multidão. Este homem ideal é isento de desejos, não possui liberdade, pertence à massa, qualificada de maneira lógica.

Kierkegaard se afasta do ideal de uma verdade racional, partindo para verdade ligada a uma situação existencial. Por isso seu projeto contempla os estádios de vida, comunicando por via indireta o significado de cada um deles e as consequências das decisões, de que seu interlocutor é interpelado a tomar consciência.

Para ele o homem possui um modo de ser próprio, que se expressa na existência, desta maneira podendo ser tomado como real o concreto, expresso na subjetividade. A verdade do que é o homem somente se pode identificar no existente, na contingência do cotidiano, com as paixões, angústias e a liberdade que experimenta.

O indivíduo existencial, para realizar a tarefa da apropriação da atualidade e da fatualidade na subjetividade, deve fazer uma opção decisiva, pois não é questão, no caso, de optar a favor ou contra uma simples ideia, e sim pró ou contra uma forma de existência (GILES, 1975, p. 15-17).

O indivíduo está diante das possibilidades de existência e tem a tarefa da decisão. Não há, portanto, nenhum tipo de determinismo, mas construção da personalidade diante da própria finitude que experimenta, no movimento do contínuo devir, sendo este devir derivado da experiência que precede o pensamento. O devir da existência supõe a liberdade. Assim, viver é se colocar na dinâmica da liberdade e esta, por sua vez, se constitui puramente como liberdade de eleição. Nesta filosofia não há lugar para predeterminações. O homem no devir constitui a si mesmo a cada uma de suas eleições. O homem é o que escolhe ser, o que se torna a cada instante. Não é, portanto, historicamente determinado.

O homem existente está em relação consigo mesmo, com o mundo e com Deus, ele encontra três modos possíveis de viver e conceber a existência. Kierkegaard categoriza a existência humana a partir de três níveis, esferas, modos ou estádios de vida: estético, ético e religioso.

A decisão assume a forma de uma transição dos estádios, para no fim reconhecer da vocação radical na fé, um salto no infinito. Este é o âmbito da relação verdadeira com o Absoluto. O estudo das acepções destes estágios pode ser realizado pelos arquétipos apresentados em vários escritos, como personagens que estão presentes na trama literária.

A teoria das esferas da existência não é um esquema absoluto e rígido de interpretação. Não se trata de uma dedução *a priori* em que devêssemos encaixar nossas interpretações. Antes é um instrumento útil para compreendermos as possibilidades de 'participação' na existência. A princípio, Kierkegaard salienta que essas esferas não apresentam qualquer caráter hierárquico, não se tratando, pois, de progredir de uma etapa para outra. A passagem ou a escolha de uma esfera se dá por uma decisão e por um salto livre efetuado pelo indivíduo (SECCO, 2004, p. 928).

Os estádios de vida não são ideais a serem perseguidos. Não são nem mesmo um esquema para sistematizar a existência. Ao contrário, devem ser compreendidos como possibilidades, entre as quais o indivíduo deve eleger, a partir de si mesmo na liberdade.

Esses estádios, além do estádio religioso, que é o ponto culminante da existência, conforme Kierkegaard, são o estádio estético e o estádio ético. Os estádios não são sucessivos no tempo, nem mutuamente exclusivos, pois no movimento dialético de transição de um para o outro o estádio posterior retém, em germe, por assim dizer, aquilo que foi superado (GILES, 1975, p. 16).

Como existente, o indivíduo mantém-se na liberdade e constantemente é impelido pela atualidade a decidir, eleger; não está pronto, nem possui determinação. A possibilidade de existência é conjugada no devir. Deste modo, o homem se determina a cada instante, enquanto existir.

O modo existencial que o autor apresenta parte da experiência da vida imediata do estádio estético, passando a seriedade da vida com os valores da lei moral do estádio ético, e por fim apresenta o estádio religioso caracterizado pelo amor e na presentificação do infinito, de uma interioridade onde cultiva a relação com Deus.

2.2 AS OBRAS ANALISADAS

2.2.1 A Obra *Ou-Ou*

Tendo vislumbrado a compreensão filosófica que Kierkegaard desenvolve, partimos para o aprofundamento da especificidade dos modos de vida, começando pela apresentação das obras em que baseiam nossa análise da filosofia dos estádios, sendo objeto primeiro a intitulada *Ou-ou*, da qual perpassamos apresentando um panorama de sua estrutura e conteúdo.

Nossa proposta é conhecer alguns aspectos, uma de suas primeiras produções⁶, que a edição segue com editorial e prefácio assinado pelo pseudônimo de *Victor Eremita*, e possui título original de *Enten-Eller*, que doravante nos referiremos como *Ou-ou*, seguindo a tradução portuguesa⁷. A obra é permeada pela busca da elucidação da vida em sentido estético e ético, segundo a teoria dos estádios existenciais que Kierkegaard elaborou.

Nela Kierkegaard, sob a responsabilidade de Victor Eremita (como editor), expõe o tema da existência sob o ângulo da imanência, da decisão, da estética, ética e cultura, em suas respectivas duas partes. Um tema subjacente é o de “vida”, que representa o trâmite e o movimento de atitude da existência do indivíduo, numa situação existencial (OLIVEIRA, 2016, p. 117-118).

Entre o esteta e o ético, é como poderíamos nos referir ao conteúdo de *Ou-ou*, dado que a obra se ocupa destes dois estádios existenciais, excetuando o religioso. Mais precisamente, a capital importância de *Ou-ou* em todo o pensamento de Kierkegaard é revelada ao apresentar, sob diferentes ângulos, duas das três partes que constituem o núcleo de toda a sua filosofia: as oposições entre o estádio estético e o moral no desenvolvimento da personalidade é o que encontramos respectivamente nas partes A e B do escrito.

O editor expõe no prefácio, detalhadamente, o histórico da sua relação com os escritos, bem como explica as circunstâncias e as análises que realizou a ponto de decidir pela publicação do que ele identificou como uma série de cartas de um autor anônimo e do Juiz Wilhelm.

Não obstante, será certamente melhor que por uma questão de ordem eu comece por narrar como cheguei à posse desses papéis. Há cerca de sete anos, numa loja de velharias aqui na cidade, reparei numa secretária que chamou a si minha atenção logo da primeira vez que a vi. Não era de talhe moderno, estava bastante usada e, contudo, cativou-me (KIERKEGAARD, 2013, p. 27).

⁶ Ao se propor uma explicação de sua obra, em *O Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, Kierkegaard aponta como sua estreia literária a publicação desta obra: “Por desfavorável que seja, aliás, chegou agora, por um lado, o momento, repito, porque me encontro neste ponto, por outro, porque reconheço a minha estreia literária com a segunda edição de *A Alternativa*, que não quis publicar mais cedo” (KIERKEGAARD, 1997, p. 21).

⁷ Utilizamos a primeira parte da obra *Ou-ou*, cuja tradução de Elizabete Maria de Sousa foi publicada pela editora portuguesa Relógio d’água, em 2013.

Trata-se, portanto, da escrivanhinha que, após um longo enamoramento, se viu, não sem relutância, a adquirir considerando um ato perdulário. Como uma realização de seu sofisticado desejo, mandou instalar em seu quarto e continuava a admirar a peça. Aconteceu num dia de verão, ao se propor uma viagem ao campo, por portar pouco recurso em sua carteira, colocou-se a abrir a gaveta da escrivanhinha em busca de mais dinheiro para seguir ao excuroso proposto e ao notar que a gaveta não se abria facilmente, procedeu a pancada. Contudo a “gaveta estava fechada e fechada ficou” (KIERKEGAARD, 2013, p. 28-29), mas eis que para sua surpresa abre outro compartimento que não notara antes. “Para minha grande admiração, descobri aí uma quantidade de papéis, os papéis que constituem o conteúdo dos escritos ora submetidos” (KIERKEGAARD, 2013, p. 29). Assim *Victor Eremita* descreve o conteúdo encontrado:

Também o conteúdo mostrou desde logo que era diferente; uma das partes continha uma quantidade de ensaios estéticos, de dimensão maior ou menor, outra era composta por duas grandes pesquisas, todas de conteúdo ético, ao que parece, e em forma epistolar. Observando com maior pormenor, ficou a diferença cabalmente reforçada. A última formação de papéis é designadamente constituída por cartas, dirigidas ao autor da primeira (KIERKEGAARD, 2013, p. 29).

A descoberta e discernimento que propõe dão origem a uma volumosa obra que, não raras vezes, podemos encontrar traduzida e publicada separadamente, até mesmo um capítulo, como ocorrera com *O Diário de um sedutor*. Por ora nossos esforços seguem pela exposição da primeira parte da obra, constituída por oito ensaios de cunho estéticos nominados: *Diapsalmata* (Interlúdio), *Estádios Eróticos Imediatos ou o Erótico-Musical*, *Silhuetas*, *O mais infeliz*, *O primeiro amor*, *o Diário de um sedutor*, *O reflexo do Trágico Antigo no Trágico Moderno*, *A Rotação de Culturas*.

Em cada um dos oito ensaios encontramos uma personalidade estética com suas especificidades. Há, portanto, diversos modos de ser esteta. Na visão kierkegaardiana podemos afirmar, também, de modo negativo, ou seja, são oito maneiras de não-ser, de se prender na imediatidade, na fuga de ser si mesmo, de se agarrar na efemeridade concreta e subjetiva, não obstante contraditória diante da liberdade nas possibilidades que exigem a escolha.

Na parte A, pormenorizando os oito ensaios, sobressai uma categoria estética, a saber: o heroísmo individualista, a mágoa, a melancolia, o amor romântico, a recordação e o tédio. Disto, depreende asseverar que a estética é uma

indeterminação polimorfa, que contrasta com a esfera ética que se apresenta como antítese, decisão e compromisso energeticamente unilateral (cf. EAGLETON, 1993, p. 135).

Em *A Rotação de culturas* o esteta constrói o que ele mesmo denomina *Ensaio para uma doutrina da prudência social* (KIERKEGAARD, 2013, p. 271). É um escrito breve, que na tradução ocupa vinte e duas páginas, das quatrocentas e setenta e sete páginas que constituem o primeiro tomo. Para a construção do argumento, o autor parte do princípio de que a vida humana é essencialmente tédio, isso posto toda a digressão leva o leitor à apresentação da constante necessidade de mudanças que experimenta o esteta. Para lidar com o tédio é preciso sempre mudar a perspectiva, à semelhança do que acontece na agricultura na rotação de culturas (KIERKEGAARD, 2013, p. 323).

Ao colocar-se em diálogo com o leitor, não bastando a pseudonímia de um pretense editor, Kierkegaard abre espaço a dois outros escritores: o autor dos ensaios “A” e o juiz “B”. No prefácio, ao caracterizá-los, identificamos, marcadamente, como sendo típicos exemplares dos referidos modos de vida tratados na produção. O fato pode ser vislumbrado desde o comentário de *Victor Eremita*, própria caligrafia e material com que escrevera cada um deles:

Uma estava escrita numa espécie de papel velino de carta, in-quarto com uma margem bastante larga. A caligrafia era legível, por vezes mesmo pouco rebuscada, noutros passos esborratada. O outro estava escrito em folhas inteiras de papel ofício com colunas marcadas, tal como se escreve em documentos legais ou com outros afins. A caligrafia era clara, um tanto distendida, uniforme e regular; parecia pertencer a um comerciante (KIERKEGAARD, 2013, p. 29).

Eis que há um movimento na consciência, do pseudo-editor, a respeito dos redatores do texto encontrado. Antes ainda, de apresentar o conteúdo dos escritos, pela análise do material encontrado, dá margem de interpretação, ou ainda, pistas para quem faz a leitura da maneira que vivem, um (esteta) e outro (ético).

Uma preocupação secundária, também explorada pelo editor, é o processo de ordenamento dos escritos a fim de constituir a obra, “não foi assim tão fácil ordenar os papéis de A” (KIERKEGAARD, 2013, p. 30), em seguida afirma ter optado a deixar a cargo da casualidade, copilando-os da maneira que os encontrou, excetuando alguns fragmentos de conteúdo lírico, que ele mesmo determinou seu lugar.

Por outro lado, os papéis que vieram a formar a segunda parte, apontou que, sem hesitação, e demasiada análise pode deixar como estavam, caracterizando até mesmo como documento processual com pequenas imprecisões.

Quanto aos papéis de **B**, deixaram-se ordenar com natural facilidade. Procedi em contrapartida uma alteração, na medida que me permiti dar-lhes um título, dado que a forma epistolar havia impedido o autor de dar um título a essas investigações (KIERKEGAARD, 2013, p. 33 – grifo do autor).

As explicações pelas quais *Victor Eremita* apresenta não se isenta a pretensa imparcialidade diante da produção, pelo contrário, esboça por inúmeras vezes ao cogitar as hipóteses de dois autores diferentes ou de apenas um, o próprio conhecimento e compreensão do que está a publicar. E ainda por cima, denota no excuro para nominar a obra, explora o dualismo com que o leitor poderá experimentar, este o que coloca diante si o questionamento das possibilidades e o arrependimento seja da leitura, ou de ter ignorado a oportunidade dada.

A intenção de Kierkegaard/*Victor Eremita* em *Ou-ou* está clara: não preponderar nem induzir os seus interlocutores a nenhuma decisão sem que esta seja exatamente o resultado de sua escolha. Doravante, quer destacar a função central da alternativa que é a de oferecer mais de uma perspectiva de escolha (cf. OLIVEIRA, 2016, p. 128).

Tal fato está sobremaneira exposto no prefácio onde convida, seu interlocutor, a fixar na leitura sem se preocupar com A ou B, mas com “os pontos de vistas diante um do outro sem esperar por qualquer resolução final de determinadas personalidades” (KIERKEGAARD, 2013, p. 37). O problema não é resolvido, mas apresentado na sua multiplicidade real e a superação dele no segundo modo de vida, porém esta superioridade apresentada pela decisão, não necessariamente está ligada à resolução cabal da existência, porque nela ainda continua a influência externa como normativa e imposição do dever, enquanto para o autor o modo de vida por excelência é o da interioridade que salta no absoluto da fé.

2.2.2 A Obra *Temor e Tremor*

A segunda produção da qual nos ocupamos é *Tremor e Temor*, que em comparação com *Ou-ou*, é bastante modesta em seu volume. Com publicação em

1843, editada no Brasil pela Abril Cultural⁸, ocupa não mais que 80 páginas. A narrativa se desenrola a partir da história bíblica de Abraão e Sara, com seu filho Isaac, problematizando a fé do patriarca.

O texto possui oito partes, a saber: Prólogo e Epílogo, e as seguintes unidades: *Atmosfera*, *Elogio de Abraão*, *Problemata – Efusão Preliminar*, e três outras denominadas *Problema I*, *II e III* com os subtítulos: *Há uma suspensão teleológica da moralidade?*; *Há um dever absoluto para com Deus?*; *Pode justificar-se o silêncio de Abraão perante Sara, Eliezer e Isaac?*.

Kierkegaard, sob pseudônimo de *Johannes de Silentio*, inicia na obra a reflexão pelas cinco versões da história de Abraão e Isaac que elabora. Todas elas encontram o absurdo, que tem seu ápice no abismo da fé (cf. KEIRKEGAARD, 1979, p. 113-115). A trama é extremamente dramática e, em resumo, trata da relação de Abraão com Deus, na confiança que deposita na promessa de tornar-se pai de numeroso povo, não bastasse ter seu filho na velhice, em dado momento é pedido que fosse levado ao monte para o sacrifício.

A partir da emblemática ocasião de Abraão e Isaac, a reflexão filosófica de Søren parte para o estágio religioso, ao propor a pergunta se há uma suspensão da moralidade em detrimento da fé. A vida autêntica, para o autor, seria justamente está, pois na fé se interpõe um paradoxo ao indivíduo, como uma ocasião de superação da ética que o deixava no geral, passando por um salto para relação com o absoluto (cf. KEIRKEGAARD, 1979, p. 142).

2.3 A DIALÉTICA EXISTENCIAL

Ao tomarmos o texto, notamos que autor dinamarquês não oferece ao leitor conceitos prontos, mas oportuniza a edificação dos mesmos a partir da dialética, que busca retomar de Sócrates. No prefácio da primeira parte de *Ou-ou* ele propõe de início a indagação pela identificação da interioridade e exterioridade na experiência do indivíduo.

Caro leitor, talvez por vezes te tivesse até ocorrido duvidar de uma migalha de exatidão da conhecida tese filosófica segundo a qual o exterior é o interior

⁸ KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Tradução: Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os pensadores)

e o interior é o exterior. Talvez tivesse até guardado mesmo um segredo que te era demasiado querido, na alegria ou na dor que trazia, para poderes confiá-lo a terceiros. Talvez a vida te pusesse em contato com pessoas das quais presumias ser este o caso, sem contudo o teu poder, ou a tua insinuação, fossem capazes de levar o oculto a manifestar-se. Talvez nenhum dos casos se aplique a ti, ou à tua vida, e essa dúvida não te é todavia desconhecida: sentiste que passava de vez em quando pelo teu pensamento, pairando como uma figura fugaz. Semelhante dúvida vai e vem, e ninguém sabe de onde vem e para onde se dirige. Pela minha parte sempre tive uma posição herética em relação a este ponto da filosofia e, por isso, habituei-me desde cedo, tanto quanto é possível, a ser eu a fazer observações e investigações; procurei orientação em autores cuja intuição a este respeito eu partilhava, em suma, fiz tudo que estava ao meu alcance para compensar a lacuna deixada pelos escritos filosóficos (KIERKEGAARD, 2013, p. 25-26).

A construção textual joga com seu interlocutor, levando à interpelação pessoal frente à narrativa literária, conduz a reflexão e a análise, seja evocando a experiência empírica na proposição da identificação do interior/exterior, seja na análise dos autores que exploraram a temática. Realiza a apresentação de modo acurado, por outrora ter se ocupado da temática em demasia em *Sobre o Conceito de Ironia em Constante Referência a Sócrates*, conforme consta em nota de rodapé (nota nº 3, KIERKEGAARD, 2013, p. 25), e ainda assim não coloca a discussão como finalizada, a não relação entre interior e exterior, não é suposta, mas metodologicamente apresentada na construção do argumento.

Diante do dualismo interior/exterior, está explicitada sua inquietação frente à abordagem hegeliana, que apontou como sendo a própria escolha o fundamento que faz com que o homem conceba interiormente pela atenção ao exterior (cf. OLIVEIRA, 2016, p. 117-118).

Não obstante, podemos identificar a dialética existencial como lugar do exercício da teoria da escolha, e nesta perspectiva o viver do esteta é não tomar a sério a vida a ponto de não se colocar o que é ser si mesmo, de algum modo, não realizar nenhuma escolha. É na vida ética que o exterior tende a ouvir o interior. A vida, se podemos definir, para Søren não é outra coisa senão escolher, distanciando-se da generalidade.

A problemática da existência para Kierkegaard está intrinsecamente ligada ao ato de escolher, como uma expressão da identidade antropológica, assim relacionando diretamente com a liberdade. Nisto desencadeia um princípio ontológico de personalidade que disponibiliza ao existente ser quem ele é. Tornar-se a si mesmo, se concretiza na escolha, o que faz dela algo fundamental, deixando as possibilidades

e partindo a concretização do ser. A escolha, então, é definidora da autenticidade, pois ela liga a vontade ao desejado, a realidade à possibilidade, o interior ao exterior e o exterior ao interior (cf. OLIVEIRA, 2016, p. 118).

A construção da personalidade se torna efetiva, segundo o filósofo dinamarquês, somente ao realizar a eleição, decisão, escolha de modo concreto. Assim, temos que existindo o indivíduo sempre está diante do devir e da indeterminação, que se realiza pela escolha. Ao apresentar o autor e sua obra, Harbsmeier, evidenciando as visões de vida que Kierkegaard elaborou, informa-nos a capital importância que a escolha tem em toda sua produção filosófica. E que também as esferas representam modos/visões que dão conta da verdade na realidade.

Não se trata do que se escolhe, mas do fato de escolher. A forma literária desta obra é tipicamente romântica: Kierkegaard deixa um editor fictício editar uma coleção de papéis, aforismos, um romance epistolar junto com reflexões teóricas variadas, tudo em forma fragmentária - o livro tem como subtítulo "fragmento de vida" - o que é típico da moda antissistemática do pensamento romântico. A vida é um fragmento e não um sistema. No livro, ele aborda seus famosos "estádios" ou "visões da vida" um por um: o estágio estético, o ético e o religioso (HARBSMEIER, 1993, p. 202).

Nos escritos kierkegaardianos, sua intencionalidade é expressa do início ao fim, exemplo disso podemos verificar em *Ou-ou*, onde encontramos como subtítulo: *fragmento de vida*, que elucida, de certo modo, o caráter de sua compreensão da vida expressa no instante da existência e opondo a filosofia hegeliana, que propusera uma dialética histórica. A temporalidade na filosofia de Kierkegaard é extremada ao apontar para o instante e a eternidade, o finito e o infinito, pois integra na sua proposta o todo do existente, na tripartição dos estádios. É importante ressaltar que mesmo dando possibilidade para compreender o todo da existência sob categorias de sua filosofia, não é pretencioso como os sistemáticos, pois o caminho é aberto e flexível considerando do existente para a discussão filosófica e não o contrário.

A seguir iremos tratar da compreensão da filosofia dos estádios existenciais, apresentando cada estágio individualmente, que revela características peculiares do modo de existência humana. A subjetividade, que é conceito chave na sua produção, se expressa na singularidade do ser, desdobra nas diferentes formas de ser, e de estar no mundo.

2.4 OS ESTÁDIOS EXISTENCIAIS

2.4.1 O estágio estético

Søren Kierkegaard, na exposição do modo de vida estético em *Ou-ou*, elucida a multiforme possibilidade de existir, de maneira a experimentar a existência na superficialidade. Este estágio é não raras vezes comparado à efervescente experiência da juventude.

Ao apresentar o estágio estético, faz-se necessário salientar que não se trata de uma ciência do belo, mas se enraíza, na visão do filósofo danês, na esfera de compreensão do existente que, por sua vez, tem em seu horizonte estritamente posicionado na busca pelo imediato. Essa busca constante pela novidade e pela vida pautada na exterioridade é traço marcante da juventude, que ainda não assumiu as responsabilidades da vida e se agarra ao prazer, à imediata satisfação.

No primeiro estágio, ou seja, no estágio estético, o Indivíduo procura no mar-sem-fundo dos prazeres, como também nas profundezas do conhecimento, um lugar onde poderá lançar âncora da existência. Sente a força quase irresistível com a qual um prazer estende a mão a outro. Sente aquela falsa exultação que ele suscita; mas também sente o tédio e a amargura que o seguem (GILES, 1975, p. 16).

Neste estágio vemos o homem marcado pela efemeridade dos prazeres, da sensibilidade sensorial e no conhecimento sistemático, uma vez que este contexto o oportuniza estabelecer a existência em bases que lhes são externas, sem quaisquer tipos de reflexão sobre si, mas se orienta pela multidão.

A vida do esteta é comparável à figura do galante conquistador, que ganha o salão e não cessa jamais ao prazer da dança, passando de uma a uma as diversas donzelas que a ele se dispõe, sem com nenhuma delas se comprometer. Neste estágio, o homem, de maneira contraditória, quer se estabelecer fixamente na mudança, através da sucessão dos prazeres e no vazio da euforia propiciada neles.

O estágio estético é aquele em que o Indivíduo está em uma relação contraditória com o mundo. Influenciado por uma concepção do mundo desenvolvida pela *filosofia romântica*, o esteta mantém uma relação ideal com a realidade: não a aceita como é (LE BLANC, 2003, p. 54).

Na categoria estética o mundo é compreendido sob as referências dos valores da finitude e temporalidade. O esteta não possui interioridade, assim o indivíduo é

espontaneidade pura e orienta sua vida pelo aprazível das sensações do erotismo e da sensualidade. A busca pelo sentido se restringe à entrega aos prazeres e às sensações que a vida oferta, se pautando pelo que se apresenta como agradável e desagradável, no constante empenho por maximizar o prazer na variedade e na novidade.

O esteta acompanhando seu bel-prazer é obrigado – *o prazer é breve, o pesar longo* – a nele procurar incessantemente um outro, como Don Juan que, após ter usufruído uma mulher, é inexoravelmente levado a outra e depois a outra. Não as escolhe, não elege esta ou aquela, por uma qualidade ou um refinamento físico particular (LE BLANC, 2003, p. 56).

O esteta está sempre ávido pela novidade, é um fugitivo da estabilidade e marcado por um deficiente amor de si. Ele não se satisfaz com a mesmice, mas empenha-se na sedução, na busca infindável pela novidade, passando inconsequentemente a vida regida pela vontade, de modo irrefletido. A temporalidade é marcada pelo instante, como um eterno presente do prazer da conquista. Diante disto, não há nem passado, nem futuro, longe de estabelecer qualquer tipo de compromisso.

O estado estético não passa de uma reflexão sobre a irreflexão, a vontade refletida no imediato e, conseqüentemente, a vontade infeliz. A vida lhe parece desprovida de sentido, o que, por sua vez, leva à melancolia e à perda de si numa série indeterminada de sensações passageiras (GILES, 1975, p. 16).

O prazer é o caminho do esteta, meio pelo qual se orienta, se considerando em liberdade total, contudo se coloca literalmente em uma relação servil em relação aos seus desejos e estados de ânimos. A efemeridade de sua vida o lança na melancolia e na negação de realidade. Em busca de satisfação, decai em uma ausência de sentido nesta vida, que considera de modo infante manter-se distraído em viver a seu bel-prazer.

Não quer mais o retorno ao reflexivo, mas o imediatismo, e ele o encontra seduzindo Margarida, moça inocente, cuja vida é espontaneidade. O esteta sempre exalta a juventude e seu breve instante de eternidade. Vontade de superar a condição humana recusando-se a optar entre as possibilidades apresentadas pela existência; desejo de denunciar pela ironia o descompasso entre a condição humana e os ideais que a animam; busca da sensualidade; indiferença ao bem e ao mal: o estádio estético torna o prazer a meta última da vida (LE BLANC, 2001, p. 57).

O esteta tem obstinação pelo belo e pela juventude, é impetuoso como aquele que ainda não assume a responsabilidade da vida adulta, que lhe impõe as restrições próprias da vida adulta, das ocupações necessárias à subsistência e sua realização no trabalho. Almeja apenas o que é aprazível sensorialmente, os caprichos da sensibilidade. Na experiência do esteta, o indivíduo é pura espontaneidade, não há lugar para a interioridade, mas agarra-se à pusilanimidade do desejo e da sensualidade.

Longe de alcançar uma vida autêntica, o esteta vive na irreflexão e prima pela aparência, ávido pela novidade e jamais se aprofundando na busca da verdade de si mesmo ou das coisas. Podemos ainda, neste estágio existencial, afirmar que a verdade é tomada como aquilo que se é, enquanto vive suas paixões, ou seja, uma maneira de existir na negação, do não-ser, mas que se apresenta orgulhoso de seus feitos marcado pela efemeridade e com nada se comprometer definitivamente.

Podemos asseverar a respeito da vida no estágio estético que é somente na passagem para a vida ética que o existente se torna si mesmo, levando-o a expressar a ligação concreta entre exterior e interior, e seu inverso.

Ao viver de modo estético, o homem vive em fuga de enfrentar a vida, agarrando-se apaixonadamente nas possibilidades, goza a vida prazerosamente na via das efemeridades, do imediato, da aparência de ser. A vida é essencialmente sem sentido, Por isso o esteta vive concentrado na sedução, como faz *Don Juan*, vislumbrando a euforia da juventude expressa na donzela a conquistar, utilizando de todos os meios possíveis para conseguir seu intento. Ao conquistá-la, está pronto para buscar a próxima antes de chegar à fadiga e ao tédio.

O tédio tem, pois, um papel relevante no estágio estético, por ser exatamente o que o esteta quer a todo custo evitar. O ensaio em que Kierkegaard aborda mais diretamente o tema é o capítulo *A Rotação de Culturas* presente na parte A de *Ou Ou*, que apresentaremos quanto à estrutura e em seguida o conteúdo, no que se refere ao tédio propriamente dito⁹.

⁹ Dentre os diversos modos de concretizar o estágio existencial estético que explora nos oito ensaios, da parte A, tomamos o último deles, apresentando o enredo e estrutura, explicitando ainda que é incipiente material bibliográfico que remonta ao autor, ainda mais escasso encontramos a temática a qual nos dedicamos a seguir. Além das breves menções que encontramos nos já citados comentadores, destacamos o artigo *Kierkegaard e o Tédio*, com autoria de Nuno Ferro, realizou pertinentes apontamentos para nosso estudo. Uma vez que não encontramos tematizado em alguma produção como a angústia, o desespero na reflexão da obra kierkegaardiana (cf. FERRO, 2008, p. 943-970).

A ideia central com a qual nos deparamos desde o título, *A Rotação de Culturas*, refere-se à técnica agrícola de uma necessária e constante troca da produção sob um mesmo solo. A alternância segue de um modo ordenado e em tempo determinado de diversos tipos de cultivo, sejam vegetais ou cereais. Essa rotatividade garante uma melhor produção, dado ao fato de que cada espécie de planta cultivada necessita de nutrientes específicos do solo que, pelo intervalo, propicia o mesmo produzir por si, ou pelos resquícios deixados das plantas das quais se ocupam.

O ensaio é relativamente pequeno, possuindo não mais que trinta parágrafos, excetuando o diálogo *de Pluto, de Aristófanes* (cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 272-274), que é um trecho de uma comédia grega com a qual inicia o escrito. Todo ele, nesta tradução, ocupa vinte e uma laudas.

Partindo da ideia desta alternância de produção, o autor de A, apresenta a reflexão, na perspectiva estética, que é necessário fugir do tédio. A começar por Adão (cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 318), o primeiro dos homens, *ad infinitum* até alcançar cada um de nós ou, ainda, aos que nos sucederão, tendo como pressuposto de fundo que todos os homens são entediantes, ou seja, existe uma universalidade do tédio. Todos irão lidar com o tédio, seja por se entediar ou por ser entediante.

As causas do tédio são incontáveis, na vida cotidiana ele enumera sua presença desde as crianças, perpassando todas as fases da vida, mas também em âmbito social: na política, no casamento e na sociedade em geral. Ninguém está isento de experimentar o tédio. O esteta, porém, mantém-se obstinado a fugir do tédio, ocupando-se por levar uma vida sem nenhum comprometimento, longe da monotonia da rotina, ele busca no novo, daí pode se falar um aspecto da reflexão, neste estágio mesmo que o conteúdo desta reflexão tenha sido de ordem prática e não em colocar questão sobre si, sua mente está constantemente ocupada a planejar qual será sua nova conquista.

A existência torna-se, nesta esteira, um constante movimento para não deixar se entediar. De certo modo, *A rotação de culturas* ao vir acompanhado do subtítulo de *Ensaio para uma doutrina social* sugere uma existência social, onde o indivíduo está posto em relação aos outros, mas de modo aparente, a fim de concretizar seu objetivo. Não ser tomado pelo tédio, não dar ocasião para o vazio de que sua existência se cerca, na rotatividade de suas ocupações, ou ainda no ócio.

2.4.2 O estágio ético

Na filosofia de Kierkegaard, esse é o segundo estágio. Nele a vivência deve ser balizada pelo dever e pela Lei moral, o homem ético vive na temporalidade, comprometendo-se com as normas morais. Este estágio é o da moralidade, que considera a vida social e suas responsabilidades, e tem como ícone o matrimônio. Apresentando este estágio, Gardiner, ressalta a visão da subjetividade abordada pelo dinamarquês considerando sua postura frente a sociedade, mas também considerando o seu autoconhecimento, onde cita *Ou-ou*:

O sujeito ético é tratado como aquele que vê a si mesmo como “objetivo”, uma “missão”. [...] Acredita-se, assim, que o ético pode, cõncia e deliberadamente, assumir a responsabilidade por si mesmo; ele não vê – como o estetizante tem propensão a fazer - suas qualidades e disposições um inalterável da natureza ao qual deve se submeter. Ao contrário encara-as como um desafio; seu autoconhecimento não é uma mera “contemplação”, mas “uma reflexão sobre si mesmo que é, em si, uma ação” (EO ii 263). Além do mais, graças a tal compreensão íntima e autocrítica, um homem chega a reconhecer não apenas o que ele é empiricamente, mas o que ele verdadeiramente aspira a se tornar (GARDINER, 2001, p. 58 – grifo do autor).

De maneira distinta aos que atuam nos outros dois estágios, homem ético, tem no horizonte de suas ações a reflexão a partir do quadro social dos valores da moralidade. A escolha, a decisão, e liberdade são as palavras deste estágio de vida, como fruto do que ele realiza e se perfaz.

Em termos mais precisos, escolher eticamente é optar por si mesmo e concentrar-se, isto é, optando por si mesmo no mundo sem fugir das tarefas que impõe, no lugar concreto designado a cada um. É necessário não só querer, mas amar tornar-me eu mesmo, e isto implica cumprir humildemente o próprio dever, no quadro familiar do amor conjugal, na fidelidade resgatada dia após dia, que o hábito não enfraquece, mas aprofunda. (FARAGO, 2006, p. 124).

Se a fuga do tédio é a principal motivação do esteta, a categoria ética essencial é a repetição. O papel da repetição para o ético é bastante claro para o autor, uma vez que ressalta o constituir do hábito como benéfico, à medida que o molda para escolher constantemente a si mesmo. Por outro lado, o ético tem compreensão de ser sujeito da ação. Assim, não lhe escapa a dimensão da responsabilidade. Ele exercita sua liberdade a partir da consciência de deliberação

que, em cadeia, estabelece vínculo direto com as consequências provenientes da escolha que o constitui.

Sendo uma escolha absoluta, não se escolhe entre isto ou aquilo, mas escolhe a escolha em si, melhor dito, escolhe-se querer escolher. Nesse sentido, existência ética em Kierkegaard traz liberdade um elemento central. Essa liberdade se refere ao sujeito moral capaz de decidir a respeito de sua conduta em relação a si próprio e aos outros (SAMPAIO, 2010, p. 68).

O dinamismo da escolha, perfaz a singularidade do indivíduo, ao querer escolher diante das possibilidades na liberdade torna-se indiferente o objeto da escolha, mas comprometido com a atitude de tê-la realizado e as suas consequências. Apontando para questão da construção da personalidade, como tarefa do homem ético, e ainda, considerando o fato de que deste estágio ser razoável e sociável, Le Blanc afirma:

A principal característica do ético não é escolher isto ou aquilo, mas o fato de escolher, ou seja, comprometer-se concretamente com a existência. Para o ético, não há recusa irônica da escolha, na qual o indivíduo se coloca em relação com o mundo para o excluir e afirmar sua soberania absoluta (LE BLANC, 2003, p. 62).

Nessa visão, quando entendemos a vida no estágio ético como um compromisso com a sociedade, emerge a problemática do matrimônio que, por sua vez, pessoalmente tanto perturbou Kierkegaard, dado o fato de ter rompido o noivado com Regine. A deliberação sobre contrair ou não o vínculo matrimonial é comprometedor e constitutivo de si, bem como se reflete na sociedade.

O estágio ético possui certa primazia diante dos outros estágios. Aponta-nos para o aspecto da imanência, que se relaciona ao fato de o homem se bastar, e defende este estágio fundamentalmente pela necessidade da perfeição moral como objetivo humano. A existência realizada será alcançada quando o homem na vida matrimonial encontrar seu fim específico. O matrimônio é, portanto, uma mediação.

A supremacia exigência ética diante da exigência religiosa irá determinar que mesmo a relação do homem com Deus deverá estar estruturada sobre essa base, representada pelo matrimônio. Dessa forma, o casamento como exigência e sentido para realização de perfeição moral do ser humano é capaz de atrair para si e realizar valores que estão fora do âmbito ético, quer dizer, o matrimônio como meio e objetivo de realização humana é capaz de realizar em si valores estéticos e religiosos. (SECCO, 2004, p. 930).

Essa referida primazia não seria um estabelecer hierárquico entre os estádios, ou ainda uma ordem de sucessão, mas seu papel mediador entre eles, sabendo que em cada uma das escolhas se realiza, se constitui como esteta, ético ou religioso.

Em *Ou-ou*, o personagem juiz que assume o pseudônimo *Wilhelm* explicita o impasse que se apresenta na ética: “Meu dilema não significa, em primeiro lugar, que se escolha entre o bem e o mal, ele designa a escolha pela qual se exclui ou se escolhe o bem e o mal” (KIERKEGAARD, 2013, p. 154). A reflexão se dá no concreto do acontecimento e não na generalidade de lei. O enfoque volta para o ato da escolha, a decisão, do posicionar-se do indivíduo em relação ao que é certo ou errado.

A preocupação apresentada nesse estágio, pelo juiz não é mais o da ética do geral, que impõe imperativos categóricos, ou deveres, mas perpassa a própria natureza das decisões do indivíduo. Se a decisão é essencialmente subjetiva, deve, pois, portar um elemento de generalidade para transcender a particularidade de cada um, constituindo-se como lei. Não obstante, a escolha individual não pode ser acolhida como fundamento da ética, uma vez que ela pressupõe condicionante da possibilidade da relação com o geral. Uma outra possibilidade é pensar a vida ética como efeito de uma escolha individual, em que o indivíduo é convocado a decidir entre dois ou mais bens (cf. MARTINS, 2011, p. 50).

A proposta da ética é ascendente, não imperativa e exterior, mas provem do indivíduo que reconhece o valor de escolher, deliberar. Para o nosso autor a ética é apenas uma etapa no caminho da existência, e não é a definitiva. Para que o homem a alcance, porém, deve encarar o desespero superando a vida estética. É neste horizonte uma tarefa árdua, comparada por *Wilhelm* como aquele que se assemelha à parturiente que, prestes a dar à luz, adia ao máximo o momento, por julgar que o que está a dar à luz é monstruoso.

Estás como a parturiente, mas deténs sempre o momento e permaneces com dores. Se uma mulher nessa situação, acreditasse que irá dar à luz a um monstro ou se começasse a refletir sobre a natureza do ser que vai parir, teria certa semelhança contigo. Suas tentativas para deter o curso da natureza seriam vãs, enquanto a tua tentativa é possível, pois o que permite a criação, em sentido espiritual, é o *nisus formativus* da vontade, que está no poder no próprio homem. Que temes, pois? Não deves dar nascimento a outro ser senão a ti mesmo (KIERKEGAARD *apud* REICHMANN, 1978, p. 125).

Ao desenvolver sua consciência, o homem no exercício de sua vontade, para o dinamarquês, tem que assumir a si mesmo e não empreender uma luta contra o movimento natural de sua própria natureza. Deixar vir a luz, compreender a si mesmo no mundo, enquanto existente, torna-se tarefa a ser assumida.

O homem ético é aquele que se localiza no tempo histórico e por meio do matrimônio expressa o desejo de continuidade cronológica de si. O estabelecer de uma família, como uma possessão, na verdade é uma tentativa de se aprisionar o tempo, a significação da vida na estrutura familiar (cf. SAMPAIO, 2010, p. 70-71).

Poderíamos especular o motivo pelo qual Kierkegaard não se contentou com este caminho, do estágio ético, ou ainda o estabeleceu como complementar ao estético. De outro modo, perguntamo-nos o porquê de elaborar um terceiro estágio existencial, qual preocupação levou a desenvolver o modo religioso. O problema que ele encontrou, vai de encontro justamente com as formulações de imperativos com valor geral, ocasionando o risco de decair no fracasso. Assim não haveria lugar para a paixão pelo infinito, ameaçado pela intemporalidade do dever, impossibilitando a plenitude da vida espiritual que, para ele, é o pleno estágio do homem.

2.4.3 O estágio religioso

O estágio religioso se desprende do ético, uma vez que está na relação entre o Indivíduo e o Absoluto (Deus). Kierkegaard não compreende a religião apenas como um código de mandamentos e leis a serem observados, dado que se assim fosse poderia se enquadrar em preceitos morais e ocupar um lugar no estágio ético. Não obstante, o indivíduo não concretiza na sua existência o geral, mas se constitui na subjetividade.

Se no primeiro momento podemos observar uma vivência ético-religiosa em que o tempo encontra sua significação na história, o momento seguinte é caracterizado como a apreensão da eternidade no tempo, experiência essa realizada pela fé (SECCO, 2004, p. 931).

Entendendo a distinção em dois momentos, Secco, elenca o primeiro como possibilidade equivocada de associar tal estágio existencial a um código moral, assim tomando uma dimensão histórica, que prime pela busca da moralidade. Enquanto no segundo, no estágio religioso, se apresenta o indivíduo existente, na constituição de

sua subjetividade, e o faz através de um salto qualitativo, colocando diante do Absoluto.

Para o religioso, ou ainda como propõe Kierkegaard, o homem autêntico se reconhece na finitude, mas vive para o infinito. O que está posto não é um cristianismo como um código moral a ser observado, e por outro lado o homem que desrespeita as leis de uma moralidade religiosa, e que também não pode ser associada à concepção de pecado, pois este pertence a uma outra realidade. Uma vez que a realidade cristã é tocada pela encarnação, a relação do humano com o Divino é singular. Mesmo diante da consciência de pecado, ou seja, de sua fraqueza e imperfeição, continua a aspirar ao perfeito.

O pecado é uma manifestação de nossa vida interior; erro absoluto, o que causa não pode ser inscrito em uma História Universal, objetiva e exterior. O pecado não coloca em questão o mundo inteiro, mas o eu, meu eu, sozinho, individualmente, na solidão, de maneira radicalmente subjetiva. Ele manifesta a interioridade em conflito consigo mesma e que não pode se entregar ao exterior (LE BLANC, 2003, p. 70).

A interioridade possui, nesta filosofia, um valor superior à exterioridade. Aquele que está no estágio religioso está diante de si e do Divino; se encontra sozinho na interioridade infinita, onde não interessa mais o imperativo moral universal. Neste domínio não há normas gerais para ação.

Kierkegaard se preocupou em deixar clara a distinção entre sua concepção dialética da existência humana, através dos estágios de vida, com a proposta de Hegel. No hegelianismo a religião era colocada como intermediária na via de buscar ao Espírito Absoluto, perpassando os momentos de tese, síntese e antítese.

Kierkegaard tinha a preocupação de demonstrar a diferença entre sua concepção dialética da existência humana baseada na interpretação das esferas da existência – e a concepção dialética hegeliana, com os seus momentos de tese, síntese e antítese. Para ele, a própria existência humana contradiz a identificação hegeliana entre as estruturas do pensamento e a do ser. Na concepção de Hegel, a religião seria apenas uma instância intermediária na via que se dirigia ao Espírito Absoluto, ou seja, a via que nos leva à compreensão do Absoluto (Deus) (SECCO, 2004, p. 932).

É no estágio religioso que o indivíduo encontra sua identidade, ao se reconhecer como espírito humano perante Deus. Na vida ética se conquista uma generalidade diante te execução do dever, que é para todos, deste modo não alcança a si mesmo em modo perfeito, sua subjetividade. Nasce a necessidade de saltar do

dever moral, que está na universalidade da ética, para uma realização que ocorre na transcendência, como meio de alcançar a plenitude da interioridade.

Na filosofia do dinamarquês, a dialética visa à reflexão sobre as decisões humanas concretas. O Indivíduo é lançado a cada instante de sua existência a escolher, fazendo uso da sua liberdade e se constituindo, uma vez que tal decisão o leva a si.

Na obra *Temor e tremor*, *Johannes de Silentio*, pseudônimo com qual Kierkegaard a assina, parte da compreensão de uma existência ética, para expor o que seu domínio não abrange os fenômenos da fé. Para isso, realiza uma análise da história de Abraão, o cavaleiro da fé.

O pecado e a culpa levam o indivíduo ao paradoxo na interioridade, um conflito consigo, na consciência. Disto, o autor depreende a possibilidade de uma História das Religiões, mas jamais uma História Universal da consciência. Ele tem compreensão de que cada um possui em si “o segredo inexprimível, o misterioso, que importa mais *para si* do que todos os discursos e todas as mediações filosóficas” (LE BLANC, 2003, p. 71). A consciência que atua na resolução, que é passível de contradição que, por sua vez, impossibilita a fusão do estágio ético com o religioso. “Se, com efeito, a interioridade é superior à exterioridade, a consciência é superior ao próprio erro, o indivíduo pode entrar em conflito com o mundo, como comprova a história de Abraão, o pai da fé” (LE BLANC, 2003, p. 71).

Ao insistir nesta ruptura, Kierkegaard opõe-se claramente a Kant e Hegel, uma vez que esses dois, ainda que de modos distintos, procurou apresentar a noção de uma fé religiosa sistematizada, em Kant apresentando como subordinada aos imperativos categóricos da lei moral, e para Hegel ela participa da dialética histórica que tem como objeto de uma relação de síntese que visa o Espírito Absoluto. Para ambos a fé torna-se uma mediação, ou de certo modo, um instrumento.

Em *Temor e tremor*, por outro lado, a fé é representada como possuindo uma condição inteiramente diferente: está além dos domínios do pensamento ético existe a elucidação seja em termos universais ou racionais. Isso não significa, contudo, que a fé deva ser vista como algo essencialmente primitivo ou não merecedor de respeito; não é “uma doença infantil de alguém que deseja se livrar o quanto antes”. Ao contrário, o livro conclui a observação e que a fé é “a mais elevada paixão de uma pessoa” (GARDINER, 2001, p. 64).

Abraão recebe de Deus a ordem de sacrificar seu filho Issac missão que ele leva até o ponto de desembainhar a adaga fatal. O filho na história bíblica é fruto da

promessa de uma numerosa descendência, o qual se concebeu em situação extraordinária – como filho da velhice, tanto do pai, quanto de Sara, que riu ao saber da notícia.

Sara, apesar de idosa, deu à luz Isaac, “aquele que ri”, e a velhice deles foi alegre a partir de então. Deus cumprira sua promessa. Mas o que o Senhor dá, o Senhor toma, e que seu Nome seja abençoado! E Deus quis então que Abraão sacrificasse o filho da velhice! Degolado em sacrifício em um monte escolhido por Ele. Durante três dias da viagem, Abraão contemplava o filho, e seu coração apertava (LE BLANC, 2003, p. 71).

A apresentação da história, pelo autor, leva o leitor a interpelar sobre atitude de fé que Abraão tomara, ao obedecer ao Senhor, o que contraria tanto os valores éticos, bem como seus próprios desejos, diante do valor que para ele tinha este filho. O ordenamento moral é transposto pela paixão do infinito, mesmo com as dúvidas, o paradoxo, que possivelmente o alcançou no caminho do monte. “Essa exigência de dever absoluto para com Deus prevalece sobre a moral e suspende-lhe a validade, o que Kierkegaard denomina a suspensão teleológica da moral” (LE BLANC, 2003, p.73).

Uma das abordagens que Kierkegaard realiza em *Temor e tremor*, a via especulativa de uma suspensão da moralidade, tendo como fim a experiência de fé, que coloca o homem na relação com Deus. O paradoxo da fé, para nosso autor, leva o indivíduo a singularidade extrema de colocar-se diante do Criador.

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem, depois de ter estado com o tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto (KIERKEGAARD, 1979, p. 142).

A trama do escrito leva a percepção que seus contemporâneos se equivocavam em considerar a dimensão da fé como instrumento, ou meio para chegar ao Absoluto. A sua posição de busca da autenticidade levou ao enfrentamento não somente da filosofia em voga, mas dos clérigos e dos fiéis da Igreja Dinamarquesa, com teologia desenvolvida em base hegeliana.

Diante do absurdo do episódio, *Johannes de Silentio*, passa a tecer elogios a Abraão, declarando a si mesmo como “poeta da fé”, rendendo reconhecimento a fé,

fazendo um elogio de Abraão, “o cavaleiro da fé”; quer dizer, alguém que em sua paixão pelo infinito, recebe sua missão de Deus; esta lhe é conferida através do seu interior; não lhe é concedida, nem confirma por algo exterior (cf. SAMPAIO, 2010, p. 84).

Quando impera o estágio religioso, o homem se compreende plenamente, ele está a sós, experimenta a solidão análoga de Abraão em seu caminho, sem confirmação ou aprovação no mundo de seus atos. Por isso o título da obra *Temor e tremor* é fruto da experiência no domínio da solidão, de ser si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso primeiro capítulo tratamos da vida de Kierkegaard, onde tivemos a oportunidade de compreensão das interpelações e experiências, bem como o contexto de sua época. Fatos que propiciaram a produção de sua filosofia, que ecoam nas diversas posições que permeiam seus escritos. As marcas deixadas por seu histórico familiar, as perdas de seus irmãos e pais, sua relação conflituosa com a igreja e a imprensa, sua renúncia ao matrimônio são realidades que o tocam profundamente, sendo por isso indispensável que tenhamos noções destes fatos, para realizar com maior fidelidade a análise de suas obras.

No segundo subtítulo encontramos um panorama do itinerário filosófico do filósofo dinamarquês, que academicamente inicia seus estudos em teologia, mas não se restringiu a ela. Recebeu formação sob influência da filosofia idealista alemã e do romantismo, dos quais se propôs para além de um afastamento, uma verdadeira oposição teórica e metodológica. Não obstante afastando de um logicismo objetivo, de elaborações abstratas, seguiu decididamente a via do homem existente, aproximando tematicamente da realidade.

Podemos asseverar, sem correr risco de considerar demasiadamente a importância de Søren Kierkegaard, que sua contribuição foi extremamente relevante não somente para a transformação do pensamento filosófico, como também em âmbito prático por tratar das circunstâncias de sua época e o modo do homem atuar no mundo, pessoal e socialmente.

No capítulo segundo tratamos da existência enquanto possibilidade, nele tivemos um excuro mais longo, que subdividimos em quatro títulos secundários. No primeiro deles elencamos a dimensão do indivíduo, na perspectiva kierkegaardiana, que ultrapassa a questão numérica, uma vez que se trata do homem existente, da contingência, na subjetividade e na liberdade. Este indivíduo experimenta dialeticamente a existência em três modos distintos, os estádios estético, ético e religioso, que por ora somente enumeramos.

O segundo subtítulo é composto da apresentação de duas obras: *Ou-ou* e *Tremor e temor*, que brevemente elencamos suas características e enredo narrativo, bem como os pseudônimos que Søren utilizou para dar voz a trama que exemplificam os estádios de vida.

A dialética existencial é o tema do terceiro subtítulo. Nesse tendo como base o prefácio de *Ou-ou* e a produção de comentadores vimos como metodologicamente o autor compreende a dialética da vida, marcado pelo devir e de uma temporalidade do instante. Exploramos a realidade da escolha, que fora tematizada por Kierkegaard, que relevante para entendermos os paradoxos de instante e eternidade, finito e infinito.

Por fim, temos o quarto subtítulo no qual nos ocupamos pormenorizadamente dos estádios existenciais. Lembrando que não se trata de tempos existenciais sucessivos, mas de maneiras de concretizar a vida, seja através da escolha ou ainda pela negação de fazê-la. O estádio estético se caracteriza por um viver de aparência, dedicando-se aos prazeres e na fuga de qualquer tipo de compromisso. Neste estado há uma ausência total de sentido de vida. Duas realidades marcam o esteta: a angústia diante das infindas possibilidades e o desespero que abre caminho para a transição para o ético.

No estádio ético temos a superação qualitativa da vida estética. Nele há lugar para o compromisso e as relações sociais. O homem ético tem sua conduta pautada no dever e na lei moral. Enquanto o esteta ocupa-se em fugir do tédio, aqui se estabelece a repetição, constituição do hábito e se reconhecendo sujeito da ação, bem como se vinculando as consequências da escolha.

O terceiro estádio é o religioso, no qual ressaltamos como ocasião da relação com o Absoluto (divino). Neste modo de vida o homem está a sós com Deus, e não perpassa a dimensão religiosa a que nos remetemos tradicionalmente como pertença a uma instituição eclesial. O religioso é visto como o mais elevado dos estádios, pois sua vida se coloca na relação com o próprio Deus. Por conseguinte, não se trata da observância de um código moral e pode até mesmo contrariá-lo.

Em nosso trabalho tivemos um extenuante e igualmente gratificante exercício de pesquisa, leitura, compreensão e análise da produção de Kierkegaard, que não se restringiu ao âmbito acadêmico, mas corroborou para o crescimento pessoal e das relações que estabelecemos nas diversas dimensões da vida. A elaboração deste, apesar das dificuldades próprias da pesquisa, que engloba a própria limitação bibliográfica, de um autor ainda pouco conhecido e de pequeno número de obras traduzidas no Brasil, foi acrescida pela pandemia da Covid19. Não obstante, consideramos ter sido uma oportunidade ímpar de crescimento e soma, em nossa experiência, como uma contribuição para compreensão e valorização humana, por

consequente social, onde cada um deve ser considerado não numericamente, mas pelo que se é, para a além da aparência, no devir da existência e que não negligencia nenhum dos aspectos. O homem que está para si, para o outro e alcança na interioridade a possibilidade de relação transcendente.

REFERÊNCIAS

- CURADO, Eliana B. Fleury. O Filósofo e o Ignorante: uma leitura kierkegaardiana de Hegel. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 1/2, p. 93-102, jan./fev. 2006.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da Estética**. Tradução. de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FERRO, Nuno. Kierkegaard e o tédio. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Abr./dez. 2008, Volume 64, Fasc. 2-4, Braga, p. 943-970. Disponível em: [144051205.pdf \(core.ac.uk\)](#) Acesso em: 15.mar. 2022.
- GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. Tradução de Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola, 2001. (Mestres do Pensar)
- GILES, Thomas R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975.
- HARBSMEIER, Eberhard. Kierkegaard – pessoa e obra – biografia e filosofia. **Revista Educação e Filosofia**, Vol.7, p. 193-205, Uberlândia: Ed. UFU, 1993.
- KIERKEGAARD, Søren A. **Ou-ou: um fragmento de vida**. Tradução de Elisabete Maria da Sousa. Lisboa: Relógio d'água, 2013.
- KIERKEGAARD, Søren A. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, [199?].
- KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural.1979. (Coleção os pensadores)
- LE BLANC, Charles.**Kierkegaard**.Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- MARTINS, Jasson da Silva. O princípio da vida ética em Kierkegaard. **Revista intuitio**.v.4, n.2, p. 48-58. Porto Alegre: PUC. 2011.
- OLIVEIRA, ANDRE DE. **O conceito de indivíduo constantemente referido ao de situação existencial em Kierkegaard: gênese e desenvolvimento**. tese UFSC, 2016.
- REICHMANN, Ernani. **Soren Kierkegaard**. Curitiba: Edições Jr., 1972. [Tradução de trechos de diversas obras de Kierkegaard].
- SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard: Continuidade ou Ruptura?** tese UFSCAR:2010.

SECCO, Frederico Schwerin. O conhecimento essencial segundo Kierkegaard. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 14, n.5, p. 863-864, maio 2004.

